



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

ANA LÚCIA DOS SANTOS

**MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS:
Relações de gênero e violência na comunidade de Cajazeiras**

Salvador - Bahia

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

ANA LÚCIA DOS SANTOS

**MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS:
Relações de gênero e violência na comunidade de Cajazeiras**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Estudos de Gênero e Diversidade, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Gênero e Diversidade.

Orientadora: Prof. Dra. Darlane Andrade

Salvador - Bahia

2020

ANA LÚCIA DOS SANTOS

**MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS: Relações de gênero e violência na
comunidade de Cajazeiras**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do grau de Bacharela em Estudo de Gênero e Diversidade, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 04 de novembro de 2020.

Banca examinadora

Profa. Dra. Darlane Silva Vieira Andrade _____.
Orientadora/ Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo,
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Márcia Santana Tavares _____.
Avaliadora externa/Instituto de Psicologia,
Universidade Federal da Bahia

Dra. Márcia dos Santos Macedo _____.
Avaliadora Interna/Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo,
Universidade Federal da Bahia

Dedico esse trabalho à minha mãe Maria José dos Santos (*in memoriam*) mulher negra lavadeira e analfabeta que em sua sabedoria de vida formou o meu caráter, ao meu irmão mais velho Armando dos Santos (*in memoriam*) único pai que conheci que contribuiu para minha educação básica e minha filha Luana Santos Guimarães (Graduada em Educação Física), pois foi por ela que voltei a estudar.

AGRADECIMENTOS

A Deus dono do universo e criador da minha vida.

Aos meus guias de luz pela força.

A minha mãe Maria José dos Santos (*in memoriam*)

Ao meu irmão mais velho Armando dos Santos (*in memoriam*)

A minha filha Luana Santos Guimarães, razão do meu viver.

Ao amigo Raimundo Cintra

Ao amigo Valdemir Medeiros

A minha orientadora Darlane Andrade, que me acompanhou desde a criação desse trabalho com dedicação, paciência e sabedoria.

As professoras e professores do Bacharelado em Gênero e Diversidades que contribuíram fundamentalmente para a minha formação, em especial as (os) que me deram força e acreditaram em mim.

As (os) colegas da turma de Gênero e Diversidades de 2012, em especial Adarlene Silva, colega de pesquisa e companheira de viagem.

As orientadoras de pesquisa Ivya Alves e Salete Maria, que me orientaram por muitos anos na vida acadêmica.

A todas as pessoas que colaboram com a realização deste trabalho.

Superação
Superar o que
Se eu nasci pra vencer
Vencer o preconceito
Buscar o que é meu por direito
Direito de crescer
Direito de viver
Buscar sem nada dever
Porque fiz por merecer
Merecer ser feliz e respeitada
Amando e sendo amada
E quando eu for embora
Dessa sociedade hipócrita
Não ficar devendo nada.

Ana Guerreira, 2017

RESUMO

Este estudo foi construído a partir de pesquisa empírica na comunidade de Cajazeiras na periferia de Salvador, que tem como marcadores norteadores das análises o gênero, estado civil e raça para melhor compreender como se dá a relação entre mulheres casadas e solteiras e a reprodução da violência de gênero neste contexto. A partir de vivências e observações do meu cotidiano, como uma mulher negra e solteira, desenvolvi estudo qualitativo, e utilizei entrevistas semi-estruturadas como instrumento, realizadas com 2 mulheres solteiras e 2 mulheres casadas, adultas, que residem no bairro Cajazeiras. Essas mulheres falaram de suas experiências a partir do seu estado civil e emitiram opinião sobre o estado civil da outra, como os objetivos propostos. Os resultados encontrados mostraram há diferenças nas vivências de gênero em torno do estado civil e rivalidade entre as mulheres. As solteiras sinalizaram a liberdade de fazer o que quiser, elas trabalham fora de casa e são independentes financeiramente, considerando as casadas com uma vida com maior limitação; já as casadas consideram ter uma vida familiar com segurança, apesar da dependência financeira, e que as solteiras tem uma vida mais livre e permissiva. O estudo colabora para observar como o estado civil demarca posições ainda diferenciadas para as mulheres, especialmente mulheres negras periféricas que podem encontrar no casamento ainda uma segurança emocional, mas que a solteirice ainda é vista de modo estigmatizado, apesar de permitir que as mulheres nesta condição tenham independência (principalmente financeira).

Palavras-chave: Mulheres, Estado Civil, Gênero, violência.

ABSTRACT

This study was built based on empirical research in the community of Cajazeira on the outskirts of Salvador, which has gender, marital status and race as guiding analysis to better understand the relationship between married and single women and the reproduction of violence gender in this context. From experiences and observations of my daily life, as a single black woman, I developed a qualitative study, and used semi-structured interviews as an instrument, conducted with 2 single women and 2 married women, adults, who live in bairro Cajazeira. These women spoke about their experiences based on their marital status and expressed their opinion about the other's marital status, as the proposed objectives. The results found showed there are differences in gender experiences around marital status and rivalry between women. The single women signaled the freedom to do what they want, they work outside the home and are financially independent, considering married women with a more limited life; while married women consider having a family life with security, despite financial dependence, and that single women have a freer and more permissive life. The study collaborates to observe how marital status demarcates still different positions for women, especially peripheral black women who may still find emotional security in marriage, but that bachelorhood is still seen in a stigmatized way, despite allowing women in this condition have independence (mainly financial).

Key words: Women, Marital Status, Gender, Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ESTADO CIVIL, RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA	20
1.1. ESTADO CIVIL: CASAMENTO E OS LUGARES SOCIAIS DA SOLTEIRICE.....	20
1.2 .RELAÇÕES DE GÊNERO E DISPOSITIVO AMOROSO E MATERNO.....	26
1.3 .VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	29
1.4. SOLTEIRICE E A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS.....	33
2 SOLTEIRICE, CASAMENTO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BAIRRO DE CAJAZEIRAS: OBSERVAÇÕES DE CAMPO E ENTREVISTAS	36
2.1. CAJAZEIRAS E AS MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS NO BAIRRO.....	36
2.2. A PESQUISADORA E AS MULHERES SOLTEIRAS E CASADAS EM CAJAZEIRAS	39
2.3. AS MULHERES CASADAS	41
2.4. SOBRE AS SOLTEIRAS	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	62
ANEXO 1- Dados das entrevistadas	63
ANEXO 2- Roteiro de entrevista.....	63
ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	64

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema parte das minhas experiências de vivência na periferia de Salvador: por ser solteira e morar sozinha, passei a sofrer questionamentos a respeito do meu estado civil e da minha sexualidade, a ser motivo de comentários que faziam com que não me sentisse bem psicologicamente. Antes de entrar para o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, na Universidade Federal da Bahia, não conseguia identificar essas vivências como violências sofridas.

Sofria assédio sexual principalmente dos homens casados, não compreendia que o fato de ser negra era outro motivo que me colocava vulnerável, além do meu estado civil. O fato de ser uma mulher solteira gerava uma situação de animosidade em algumas mulheres que mantinham algum tipo de compromisso afetivo com esses homens, onde elas os inocentavam e culpavam-me por alguma situação que gerava ciúmes nelas. Nunca sofri violência física nem verbal, mas já presenciei outras mulheres solteiras sofrerem. As violências que sofria eram morais e psicológicas e partiam das mulheres (que tinham companheiro) do meu convívio social.

Ressalto que eu fazia parte de um time de futebol como madrinha, com homens a partir de 37 anos e quase todos neste grupo eram casados. Cito o time, pois foi a partir daí que comecei a perceber como algumas esposas principalmente as mais próximas se relacionavam comigo, trazendo com algumas falas que me causavam inquietações. Certa vez estava com duas vizinhas cujos maridos faziam parte desse time, num momento de lazer e descontração, quando uma delas me perguntou: “quem você *pegaria*¹ no time?”. Depois perguntou por que eu não arranjava um homem para morar comigo. Fiquei muito mal com essas perguntas. A primeira estava se referindo a seu marido, se eu tinha interesse sexual nele e a segunda porque se eu tivesse um homem morando comigo não poderia participar do time e deixaria de ser uma ameaça para o seu casamento. Ela agiu como se eu tivesse interesse em seu marido ou outro homem casado, o que expressa para mim, ainda a crença de que para algumas mulheres casadas a presença de uma mulher solteira é uma forte ameaça ao posto ocupado de dona de casa, mãe de família, ou seja, o lugar de privilégio na sociedade. Como afirma Foucault (1984)

¹ Termo utilizado para se referir a ter um relacionamento sexual

O que está em jogo nessa prática refletida da vida do casamento, o que aparece como essencial à boa ordem da casa, à paz que aí deve reinar, e ao que a mulher pode desejar, é que esta possa guardar, enquanto esposa legítima, o lugar eminente que o casamento lhe conferiu: não se ver preterida por outra, não ser destituída de seu status e de sua dignidade, não ser substituída por outra ao lado de seu marido, eis o que lhe importa antes de mais nada. Pois a ameaça contra o casamento não vem do prazer que o homem possa obter aqui ou acolá, mas das rivalidades que podem nascer entre a esposa e as outras mulheres em torno do lugar a ser ocupado na casa e das precedências a respeitar. (Michel FOUCAULT, 1984, p.159-60)

Outra vez, essa mesma vizinha proibiu o seu marido de falar comigo, eu só soube quando ele a flagrou conversando comigo e disse “você não quer que eu fale com a mulher e está conversando com ela!” Isso gerou uma situação desagradável e constrangedora para nós duas: para ela, porque ele falou na presença de várias pessoas e para mim porque não esperava que ela fosse capaz de tal proibição, já que ela mantinha uma relação de vizinhança aparentemente normal comigo. Este fato tem semelhança com o citado por uma entrevistada do trabalho de Eliane Gonçalves (2009, p.195) que pesquisou sobre mulheres solteiras em Goiânia.

Évora, pesquisadora, 44 anos, morando sozinha há sete anos: [...] Sem contar que, por você ser solteira e independente, nenhum dos homens do prédio fala com você, entendeu? Não falam com você porque são casados, a mulher não deixa. Se veem você entrando no elevador, descem pela escada. Aqui no meu prédio mesmo há um exemplo ótimo: eu saio de manhã muito cedo, e tem um vizinho que leva o cachorro pra sair. Sempre falei “bom dia!” para ele... Aí, um dia que eu estava subindo, encontrei ele e a esposa. “Bom dia professora!” “Bom dia!” A mulher deu uma bolsada nele, assim, na minha frente! Aí eu falei: “gente do céu, que é isso?” E no outro prédio, nenhum dos homens casados falava com você [...]. Aqui [em Goiânia] você mal cumprimenta, nem estende a mão; se eu estender a mão e o cara for casado, as pessoas já pensam assim “olha, está tendo um caso”. Então, já aprendi a conviver. Morar só numa sociedade ordenada para a família e o casamento parece uma extravagância que, no caso das mulheres, pode receber um julgamento preconceituoso.

Com as leituras sobre o tema e minhas vivências, passei a observar comentários entre mulheres casadas com relação às solteiras do meu convívio social e percebi que existe algo de negativo na relação entre essas mulheres que precisa ser investigado. Ao observar, por exemplo, como as mulheres casadas sexualizam os corpos das solteiras, achando que elas estão disponíveis sexualmente e são ameaças aos seus relacionamentos. Algumas mulheres solteiras podem ser observadas todo o tempo, como se vestem, se comportam e se comunicam. Esses comportamentos já foram relatados por Carolina de Jesus (1955) em sua vivência numa favela na década de 50 pelo

fato dela não ter um homem em casa era hostilizada pelas mulheres que tinham um companheiro. “[...] Como é pungente a condição de mulher sozinha sem homem no lar. Aqui todas implicam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...)” (Carolina de JESUS, 2007, p.22).

Observei no meu convívio em Cajazeiras, que as mulheres solteiras geralmente não são convidadas para eventos familiares quando estes tem o foco o encontro de casais, e comumente são cobradas por não terem um homem como companheiro no espaço doméstico. Observo que quando tem festas em meu prédio com a vizinhança formam-se dois grupos, o das mulheres casadas e com crianças pequenas que é maioria, e o grupo dos homens casados. As mulheres solteiras e com crianças pequenas são aceitas, porque, ao meu ver, as crianças as colocam na posição de mães - o que não ocorre comigo, pois moro sozinha, apesar de ser mãe (de uma mulher já adulta), o que me diferencia. Esse comportamento segregador não respeita o direito das mulheres solteiras que moram sozinhas de serem sujeitas de escolha por levar uma vida fora do casamento, e estas ficam vulneráveis a sofrerem violências como a moral, verbal e psicológica como as expressões do preconceito.

Outra violência que pode atingir algumas mulheres solteiras reproduzidas pelas mulheres casadas se observa pelo fato delas morarem sozinhas e o seu espaço domiciliar pode ser visto como ponto de encontro amoroso, pois elas são tidas como “disponíveis para o sexo” e são vistas como desocupadas, como se seu trabalho, estudos e atividades diárias não tivessem importância em função destes serem realizados por elas, reafirmando que a ideia de que “a mulher não tem vida própria quando não está em uma relação familiar e conjugal” e que a sua existência está atrelada principalmente à servidão a um homem, como já afirmava Jacques Rousseau (1762).

Uma última observação que gostaria de trazer, diz da importância do casamento pela sociedade na aceitação de mulheres solteiras em alguns estabelecimentos. Certa vez estava com uma amiga que estava na companhia de um homem e eu fui impedida de entrar em um bar no centro da cidade de Salvador pelo fato de estar desacompanhada, supostamente sozinha e solteira. Acredito que esta exigência seria para evitar qualquer tipo de transtorno com as mulheres acompanhadas sugerindo que a mulher solteira desacompanhada (sem uma presença masculina como par) esteja procurando

por homens, também com o pagamento da conta, quando ainda passa no imaginário social que é o homem quem paga a conta (do bar, restaurante, etc.). Existe também a importância com relação ao sobrenome do marido, pois algumas mulheres casadas ou mesmo as que só convivem com um homem, perdem a sua identidade: geralmente são conhecidas como “a mulher de Fulano”. E “ganham o título de ‘mãe de família’ como sinônimo de respeito e mesmo assim se colocam numa posição de privilégio em relação às solteiras”, por uma questão de aceitação social, proteção e outros, fazendo com que elas percam suas identidades. É exatamente por isso.

A partir destas vivências e observações do meu cotidiano, teço as seguintes perguntas: O que pensam as mulheres casadas sobre as solteiras na comunidade de Cajazeiras? O que pensam as solteiras sobre a situação (conjugal) das casadas? Como a reprodução da violência de gênero se apresenta a partir da fala das mulheres casadas sobre as solteiras? E de que forma a violência de gênero está presente na vivência das mulheres solteiras? Estas perguntas vão dialogar também com a observação sobre a possibilidade da escolha pela solteirice e pelo morar só para mulheres negras em um bairro periférico de Salvador.

Na busca por liberdade e igualdade, o viver só pode ser uma opção: algumas mulheres optam por viverem sozinhas, não querendo mais dividir o espaço domiciliar com algum companheiro, companheira ou outro tipo de relação, para investirem mais nos estudos e na carreira profissional, dentre outros motivos, como tem sido discutido em estudos sobre mulheres chefes de família em classes populares (Márcia MACEDO, 2008), e em debates sobre o tema em relação às mulheres solteiras de classe média em grandes cidades (Darlane ANDRADE, 2012; Eliane GONÇALVES, 2009; Márcia TAVARES, 2008).

Por ser uma pesquisa realizada em bairro periférico onde a maioria da população é negra e de classe popular, percebo que é um campo a ser explorado no sentido de trabalhar com mulheres negras, pois os novos modelos de família vem sendo visibilizados na sociedade, e considerando que boa parte dos estudos sobre solteirice focam em mulheres de classe média - maioria não negras.

Para esta monografia, de modo específico, foco nas mulheres negras residindo em Cajazeiras, e que tem relações heterossexuais. Ana Cláudia Pacheco (2013) estudou o tema em Salvador, trazendo como as diferenças de raça (e classe social) levam ao debate sobre a solidão das

mulheres negras, que tem o racismo perpassando de modo significativo suas escolhas em relação a vivência de gênero e as práticas afetivo-sexuais, quando estas são preteridas para o casamento ou qualquer outra relação amorosa. A autora traz trabalhos realizados por Thales de Azevedo (1996) intitulado “As elites de cor”, e falam sobre o casamento inter-racial e a ascensão:

[...] homens pretos e “mulatos” que experimentaram mobilidade social ascendente, casavam-se com mulheres brancas ou de “pele clara”, cujo status socioeconômico era inferior àqueles; a cor branca da esposa seria uma forma de compensação social para a família do marido. Por outro lado, o casamento entre as “mulheres de cor” com homens brancos não se daria sobre as mesmas condições de “troca”, pois, segundo o argumento do autor, os títulos e status da mulher preta não teriam um mesmo peso social (cor) para a família do cônjuge branco. (Thales de AZEVEDO, 1996, apud Ana Cláudia PACHECO, 2013, p.74)

De acordo com minhas observações, a preferência por mulheres brancas ou de peles claras ainda é muito comum na periferia pela maioria dos homens negros principalmente os mais jovens frequentadores de academias, pois foram acrescentados aos outros valores (status socioeconômico) os atributos físicos.

No imaginário de muitos homens, mesmo os negros, ainda é muito forte a herança do colonizador patriarcal que sexualizou e estigmatizou os corpos das mulheres negras, que são vistas como sem beleza, sem sensibilidade, que aguentam dores e são as mais preparadas para os trabalhos braçais. “Os ditos populares ‘branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar’, que foram evocados e legitimados na obra freyreana, funcionam como elementos estruturantes das práticas sociais e afetivas dos indivíduos.” (Ana Cláudia PACHECO, 208, p.55)

Neste sentido, busco dialogar nesta monografia, a partir da perspectiva das mulheres negras solteiras, discutindo a classe, geração e raça, tendo como referência o livro de Ana Claudia Pacheco (2013), “Mulher Negra: afetividade e solidão”, no qual ela fala que o racismo e o sexismo são materializados num corpo racializado e colaboram para a solidão da mulher negra.

Percebo, na minha convivência social, que existem duas solteirices em termo de maior vulnerabilidade a sofrerem violências, e está relacionada à maternidade e moradia: a visibilizada, que são as vivenciadas por mulheres que não tem crianças pequenas e que moram sozinhas, e a invisibilizada, que são as mulheres solteiras que convivem com crianças pequenas. Nesta segunda, essas mulheres, a meu ver, não passam pelas mesmas violências que a primeira por exercerem a

maternidade, onde elas podem ser vistas com pouca disponibilidade para o sexo, podem não ter sua sexualidade questionada, e não serem vistas como uma ameaça para o casamento da outra, pois são tituladas como mães de família e donas de casa; observo que elas sofrem outras formas de violências e preconceitos, como o “o estigma da ‘mulher largada’, ‘deixada’ e ‘abandonada’, que ‘não soube segurar o marido’ e não como solteiras, por isso que, de acordo minhas observações, denomino de solteirice invisibilizada”.

Muitas mulheres solteiras e que moram sozinhas geralmente são independentes financeiramente, trabalham, algumas estudam e pagam suas contas, e por não estarem no papel convencional de mulheres casadas que cuidam do lar - e que possivelmente não trabalham, por terem o marido para sustentá-las, como observo no meu entorno, em Cajazeiras, comumente são tidas como “desviantes” e também podem mostrar sinais de rompimento com o sistema machista e hegemônico de submissão e passividade que por tanto tempo vem construindo a identidade feminina, por esta vir atrelada a expectativa de ter um marido. Mesmo algumas mulheres casadas trabalhando, muitas delas não tem total autonomia financeira, pois a sua renda serve para suprir as necessidades da família muitas das vezes pela a ausência de compromisso por parte dos seus companheiros.

Partindo dessas observações e vivências no cotidiano, e buscando olhar para o estado civil de mulheres negras, **objetivo** neste estudo, de modo geral, investigar como a violência de gênero que tem como base o machismo e o patriarcado, são reproduzidas por mulheres casadas e solteiras, em relação ao estado civil da outra. Como objetivos específicos, tem-se:

a) Identificar se e como a solteirice e sexualidade feminina de mulheres solteiras que moram sozinhas bairro de Cajazeiras em Salvador, são marcadas por preconceito, observando que tipo de preconceito sofrem, incluindo o preconceito vindo de mulheres casadas;

b) Identificar como as mulheres casadas percebem seu estado civil, a construção da sua identidade com base neste, e suas opiniões sobre as mulheres solteiras no bairro Cajazeiras em Salvador;

c) Identificar de que modo as mulheres solteiras percebem seu estado civil, a construção da sua identidade com base neste, e suas opiniões sobre as mulheres casadas no bairro Cajazeira em

Salvador.

Por ser uma pesquisa feminista, acredito que essa investigação será importante para os estudos da violência de gênero e trazer para o debate junto à sociedade como e de que maneira essa violência é reproduzida entre mulheres a partir do seu estado civil, principalmente aquela contra as mulheres solteiras e para além dessa pesquisa, que possam ser produzidos outros trabalhos e debates com uma perspectiva de refletir para ampliar o conhecimento científico e teórico de como o feminismo pode contribuir para a conscientização dessas mulheres e umas mudanças no sentido de diminuir as várias formas de violências de gênero que foram construídas cultural e historicamente.

Esta investigação tem como base a teoria feminista utilizando a categoria gênero para análise dos dados, interseccionalizando com raça, classe, sexualidade e geração. Isto porque estudou mulheres de classe popular, negras, que se identificam como heterossexuais, e que são adultas. A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, pois é a que mais se adéqua ao que propus a pesquisar, tendo em vista investigar opiniões e vivências de mulheres solteiras e casadas sobre como se dá a reprodução da violência entre elas. A pesquisa qualitativa

[...] é um procedimento mais intuitivo e mais maleável e adaptável a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses. [...]. A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta. (Laurence BARDIN, 1977, p.115)

Como instrumento, foi utilizada a entrevista semiestruturada, com questões relacionadas aos objetivos do estudo (ver roteiro de entrevista no Anexo 2), realizada com duas mulheres casadas e duas mulheres solteiras. As solteiras com codinome Rubi (27 anos) e Ametista (33 anos) e as casadas Esmeralda (33 anos) e Jade (31 anos). A escolha das participantes foi feita a partir do que se chama de “bola de neve”, em que pessoas da minha rede de contato social indicaram outras para participar. As entrevistas (ver termo de consentimento no Anexo 3) foram feitas na casa das participantes e outro local, de acordo com a disponibilidade destas, quando presencialmente, e pelo

aplicativo *whatsapp* (via celular). considerando a indisponibilidade de algumas realizarem encontro presencial. As mesmas foram gravadas e transcritas. Foram também feitas visitas e observações a respeito do contexto onde o estudo foi realizado: o Bairro Cajazeira, como os bares, campo de futebol e praça. Estas foram registradas em diário de campo.

O material construído foi analisado por análise de conteúdo, tal como propõe Laurence Bardin (1977, p. 9) “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.”.

Para evidenciar que para além da solteirice, que considero ser um marcador social vinculado ao gênero, irei fazer um recorte de geração, classe e raça para situar os lugares de fala das participantes, observando o contexto socioeconômico e territorial (o bairro de Cajazeiras) desde onde cada uma está inserida. Isto porque considero que mesmo sendo da mesma classe social, todas sendo negras, adultas e morando no mesmo bairro, a vivência da solteirice pode ser diferente. Com relação a geração, o conceito é importante porque se começa a pensar sobre estado civil a partir de certa idade, estipulada pelo contexto cultural com relação a idade ao casar, e há significados sociais diferentes entre mulheres mais jovens e as mais velhas pelo fato de serem solteiras ou casadas. O que vejo num contexto de bairros populares, é que as mulheres assumem um relacionamento conjugal muito cedo, ainda na adolescência, e considero importante incluir mulheres mais jovens e adultas para discutir o modo como o estado civil faz parte da identidade destas mulheres e o tipo de violência que tratam umas às outras. Penso que as mulheres solteiras com idades a partir dos 25 anos tem mais probabilidade de já serem independentes, principalmente financeiramente, e querem viver sua solteirice de modo voluntário, do que as mais jovens que estão casadas e com menos possibilidades de estudo e trabalho, já que se ocupam mais com os cuidados dos filhos e do companheiro, num contexto onde convivo. Para mim, a diferença geracional entre as mulheres solteiras e casadas também pode influenciar no tipo de violência sofrida. A violência sofrida aparenta ser mais comum a partir dos 30 anos, por já estarem em uma idade em que socialmente é esperado que as mulheres já tenham se casado.

Observei que muitas mulheres negras em bairros populares assumem um relacionamento

muito cedo, ainda na adolescência, a partir dos 15 anos de idade sem mesmo terminarem o Ensino Médio, isto pode dificultar a sua entrada no mercado de trabalho, fazendo com que elas sejam totalmente dependentes financeiramente dos companheiros, sendo possivelmente mais vítimas de violências, o que possivelmente fazem com que elas reproduzam de maneira mais agressiva a violência contra quem está solteira, pois as violências que elas praticam mais são a física e verbal. Essas mulheres mais jovens geralmente são de famílias extensas e começam desde cedo a função de cuidadora.

O exercício dessa função começa, muitas vezes, na infância. A criança se torna uma extensão da mãe, que por diversas razões, delega a ela o cuidado da casa e dos irmãos. O exercício precoce da maternidade tem um preço. Muitas mulheres aprendem desde cedo a negligenciar ou ignorarem o cuidado de si. Algumas casam-se muito cedo [...] (Gláucia, DINIZ, 2006, p. 6).

Isto as diferenciam das mulheres solteiras com mais de 30 anos que observo no meu entorno que sofrem violências morais e psicológicas, por essas às vezes terem um trabalho mesmo que informal, e por não terem um marido e representarem inclusive ameaça aos casamentos das mais jovens. De acordo com minhas observações, uso esse recorte geracional como um termômetro para análise do grau de violência reproduzido e suas causas. Suponho que para as mais jovens a ameaça está relacionada à beleza e juventude da outra e por não terem uma vida marital consolidada, que envolvam bens materiais o que geralmente são adquiridos pelos maridos, e o que causa medo da perda pela maioria das mulheres com mais de 30 anos. E em relação as mulheres mais maduras a violência está relacionada pela baixo autoestima, pois algumas acreditam que não conseguiriam entrar em um novo relacionamento e principalmente pela sua manutenção de sobrevivência por estarem fora do mercado de trabalho devido a idade e baixo nível de escolaridade.

Esse trabalho parte da não neutralidade e do meu lugar de fala, como mulher negra, solteira que mora sozinha na comunidade de Cajazeiras que vivencia essas experiências cotidianamente e o quanto este lugar se aproxima do meu objeto de estudo, como já posto, desafiando o meu ângulo para olhar com estranheza o que me é comum. E foi organizado a partir de pesquisas literárias que dialogam com as minhas experiências de vivências e entrevistas de mulheres. Ele está dividido em dois capítulos: o primeiro tratado “Estado civil, relações de gênero e violência” que traz referenciais teóricos a partir de textos de escritoras feministas, dando um panorama sobre o estado civil, violência de gênero, patriarcado, e traz uma leitura de construções de gênero e subjetividade

a partir da categoria “dispositivo amoroso e materno” de autoria da psicóloga feminista Valeska Zanello, para entender a importância do estado civil para as mulheres. Finalizo o capítulo discutindo sobre mulheres negras, afetividade e solidão, situando o foco do estudo.

No capítulo dois apresento o conceito de solteirice em trabalho realizado por Darlane Andrade e outras autoras, os preconceitos e discriminações sofridas por algumas mulheres que decidiram romper com um modelo de vivência e optando por um novo arranjo e a afetividade e abandono das mulheres negras solteiras de classe popular. apresento discussão dos dados, relatando sobre o *locus* do estudo, o bairro de Cajazeiras em Salvador, e como se apresentam as mulheres casadas e solteiras, os hábitos de alguns homens casados e minhas experiências, vivendo neste bairro. Trago o perfil e narrativas das mulheres entrevistadas casadas e solteiras, com dados das participantes no que se refere as vivências a partir do seu estado civil e opinião sobre o mesmo e o estado civil da outra mulher. Por fim, as Considerações finais, em que trago um panorama dos resultados do trabalho e sua contribuição para reflexões sobre as violências de gênero (entre mulheres).

CAPÍTULO 1

ESTADO CIVIL, RELAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E VIOLÊNCIA

Neste capítulo trago conceitos e discussões em torno do Estado Civil como a forma com que o casamento foi posto na cultura ocidental em certo momento da história, com a consolidação da família nuclear como um modelo ideal de família, coloca as mulheres solteiras num lugar marginal, e colabora com a discriminação pelas relações de gênero e violência e o dispositivo amoroso e materno como forma de consolidação da identidade feminina e papel social das mulheres.

1.1. ESTADO CIVIL: CASAMENTO E OS LUGARES SOCIAIS DA SOLTEIRICE

Segundo o Código Civil Brasileiro, o conceito de Estado Civil² pode ser compreendido da seguinte forma: “ou estado conjugal, é a situação de um indivíduo em relação ao matrimônio ou à sociedade conjugal”. De acordo com as leis brasileiras, existem apenas cinco tipos de estado civil, solteiro, casado, separado, divorciado e viúvo, os demais termos como amigado, amasiado, e etc. são utilizados coloquialmente e não tem qualquer valor jurídico. O estado civil é importante não apenas para fins de conhecimento, mas também é essencial para preencher documentos, para fins jurídicos, como declarações, comprovantes e atestados de estado civil, que é obrigatório para poder casar, e etc.

Dentre os estados civis, socialmente o casamento tem grande valor, o que colocam os demais, principalmente a solteirice num lugar de desprivilégio, e que juridicamente por um tempo no Brasil, era inclusive condição de impedimento para acesso a alguns direitos garantidos para as mulheres casadas, por exemplo.

² <https://www.significados.com.br/estado-civil>

Esse ainda é o papel dado para as mulheres na sociedade segundo o código civil de 1916 com o casamento a obrigação do marido em “proteger” a esposa coloca as mulheres casadas numa posição de privilegiadas perante as solteiras que não só entender delas, mas também da própria sociedade estão entregues à própria sorte. Mas paralelo a “proteção” vem também a “submissão” que limita essas mulheres de serem agentes de suas vidas.

O mecanismo de controle se efetivou, sobretudo, no casamento legítimo regulamentado pelo código civil de 1916. O “contrato de casamento”, baseado em obrigações mútuas, assegurava o direito dos maridos sobre as esposas, pois ele significou a troca de “proteção” marital pela submissão feminina. Como uma, mas, também e principalmente, como uma prática discursiva, o Código criou e assegurou os direitos dentro da sociedade conjugal. (Cláudia MAIA 2001, p. 6)

Na contramão deste “contrato de casamento” as mulheres solteiras estão rompendo com esse papel social e abrindo mão dessa “proteção” carregada de controles para buscarem o seu empoderamento e colaborando para, inclusive pensar em outros conceitos de família na contemporaneidade.

Estudos na história discutem também como a constituição da família conjugal nuclear como hegemônica também colabora para a desvalorização das solteiras, como a discussão trazida por Cláudia MAIA (2001).

[as mulheres solteiras] passaram a ser percebidas como um desvio da natureza, logo o celibato apresentou-se como antinatural e a celibatária uma figura da anormalidade. [...], ao não se casar, não ter filhos, a celibatária pagaria o preço de sua transgressão, sendo punida pela natureza como um corpo doente, histérico, nervoso e inútil] (Cláudia MAIA, 2001, p.9)

Para tratar da construção do conceito gênero e solteirice, é importante este resgate do lugar das pessoas solteiras, especialmente as mulheres, na constituição da família conjugal, que é datada historicamente. Neste sentido, apoio nas discussões de Darlane Andrade (2012) sobre o tema, considerando a solteirice como uma construção social, histórica e discursiva.

Para a autora, O estado civil relacionado à solteirice é visto de modo contextualizado e relacionado com as expressões de gênero e identidades.

O estado civil demarca um elemento da identidade social – e jurídica – com significados e representações sociais que refletem nas identidades pessoais. Visto aqui como um aspecto importante da construção de gênero, o estado civil reporta ao exercício da

afetividade, sexualidade e constituição (ou não) de família(s) de forma diferente para homens e mulheres em função das condições de desigualdade que ainda demarcam o terreno – patriarcal e heteronormativo – desde onde estas construções se apoiam, alimentando uma cultura “familista” e uma “cultura de casais”. Neste terreno, o estado civil visto como privilegiado socialmente é o de casado/a, em função de uma construção social e histórica que valora a constituição de família iniciada com o casamento e que se completa com os/as filhos/as frutos desta união. (Darlane ANDRADE, 2017, p. 2).

A leitura sobre a solteirice neste século XXI vai considerar importantes mudanças sociais que incidem sobre as configurações familiares, colocando o modelo de família conjugal e nuclear como mais um dentre muitos outros existentes. Estas mudanças são de diversas ordens, desde o modelo capitalista, agora globalizado, no campo do avançar das ciências e tecnologias, até as mudanças de valores e costumes impulsionados por – dentre outros fatores – questionamentos dos movimentos sociais, especialmente os feminismos. O feminismo ao lutar pelos direitos das mulheres, também questiona o sistema patriarcal que está na base das desigualdades de gênero na nossa cultura, e assim, questiona as instituições como a família e o casamento que se sustentam neste modelo.

Devido a algumas conquistas, como votar, divorciar, adquirir bens sem precisar de fiadores, etc, e mudanças de costumes, para muitas mulheres, foi possível o empoderamento e a tomada de decisão para viverem solteiras. Mas ainda assim, dentro de uma cultura em processo de transformação e que ainda tem base patriarcal, as mulheres solteiras acabam sendo subjugadas socialmente por não cumprirem os papéis impostos à elas, como o de esposa e mães.

“Em uma cultura ainda heteronormativa e que dá grande valor ao casamento, quem está fora deste ideal é ainda considerada em diversas situações, como “a solteirona”, a que “ficou pra titia”, a “mal amada”, dentre outros termos pejorativos dados principalmente para essas mulheres. De acordo com Márcia Tavares (2008) em estudo realizado com homens e mulheres solteiras/os de classe média não negras/os em Aracajú e Salvador, a opção pela carreira profissional era mais uma agravante à rejeição dos homens para o matrimônio. “[...]” após os 25 anos, caso as moças não tivessem um pretendente em perspectiva, eram perseguidas pelo rótulo de “encalhadas”, cuja incapacidade de conquistar um marido podia ser atenuada pelo ingresso no mercado de trabalho (Márcia TAVARES 2008, p.169). Ao meu ver independente de raça/classe quando o assunto é solteirice de mulheres, essas ainda são alvo de cobranças sociais e violência tais como cita a autora.

O paradoxo de possibilidade de ser solteira e ainda a expectativa social do casamento para mulheres adultas, é interesse de estudo e discussão em diversos campos do saber, e que aqui quero olhar a partir das violências que estas expectativas (e imposições sociais) expressam. Sobre o tema, considero que muitas mulheres ficam sujeitas a sofrerem a reprodução da violência de gênero em função do seu estado civil, atentando para o fato de que, apesar de mudanças sociais e valorização da diversidade de estilos de relações e modos de viver, como discute estudo de Darlane Andrade (2012), sobre o tema na Bahia, ainda o casamento socialmente é mais valorizado do que a solteirice. Considero também que a violência sofrida por mulheres solteiras pode ser praticada por mulheres casadas, que estão na condição de maior prestígio social.

Os estudos sobre a solteirice, discutidos por Darlane Andrade, trazem perspectivas geracionais, considerando que o estado civil, na nossa cultura, começa a ser visto a partir da juventude e de modo mais acentuado na adultez. A autora discute que na psicologia,

Nos estudos de desenvolvimento humano, quando se tratava de pessoas solteiras, a referência que se tinha era a de adulto jovens que estão nesta condição de forma temporária, até que se casem e, assim, cumpram seus papéis no ciclo de vida, que envolve a constituição de família, porque, socialmente, isto é o que se esperava deles, principalmente para as mulheres, que não vivenciavam um período maior como solteiras por saírem da casa dos pais diretamente para a do esposo (Darlane ANDRADE, 2012, p.50).

Ao construir o conceito de solteirice, Darlane Andrade (2012, p.51) cita estudos britânicos que apontam diferentes significados para esta condição, principalmente para as mulheres, trazendo conotações positivas, mas ainda muitas negativas por exemplo, “celibatárias”, “solitárias”, “independentes”, “desesperadas por um homem” e “poderosas”, tal como cita Jill Reynolds (2008), que afirma que as diferentes posições de sujeitos e os significados transmitidos dependem da relação discursiva pela qual a “solteirice” é localizada.

Darlane Andrade (2012) discorre sobre o tema com base em estudo com um grupo de pessoas solteiras, adultas, que moram sozinhas em Salvador e que pertencem à classe média. Considera o conceito a partir do estado civil: não ser casado/a, e defende que a solteirice é uma condição de quem está ou é solteiro/a, e que a solteirice é experienciada com base no estado civil, mas vai além dele. Utiliza a noção de dimensões da solteirice que engloba também estilo de vida, solidão e traz o principal significado da solteirice como a liberdade.

A partir de leitura sobre mudanças de perspectivas na constituição de modos de viver, de se relacionar e exercer sexualidades, em contexto urbano e de classe média, Darlane Andrade (2012) traz um debate sobre como a solteirice tem sido vista de um modo também positivo para mulheres que tomam as rédeas de suas vidas, no sentido de poderem fazer escolhas. A autora cita Shelly Budgeon (2008)

No entanto, com o tempo e com as diversas mudanças sociais, a definição de “solteirice” parece estar se expandindo para cobrir categorias previamente excluídas de mulheres e para abarcar as possibilidades de vida relacional, sexual e social que as solteiras (e os solteiros) têm, afirmando um lugar social que pode trazer privilégios quando este lugar também representa escolhas pessoais (BUDGEON, 2008 apud ANDRADE, 2012, p.52).

Para estudar o tema a partir de um olhar para as mulheres negras, diálogo com noções sobre famílias negras. Gabriela Hita (2004) em sua tese “As casas das mães sem terreiro etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador”, aborda como foi constituída a família negra no Brasil durante a colonização e o modelo seguido ao longo da história. A autora relata que durante a colonização as pessoas negras não tinham um modelo de família próprio, até porque a maioria vivia em grupos em senzalas em onde as mães e pais eram separadas e separados de seus filhos e filhas. Mesmo depois de libertas, essas pessoas não tinham seus grupos reconhecidos como família para a sociedade da época, seguindo então o modelo do senhor da casa grande.

[...] família patriarcal dominante no Brasil agrário colonial como um todo a família escrava e negra (liberta e livre) foi vista ora como “inexistente” e submetida na categoria dos “agregados” da casa grande patriarcal do senhor branco ou [...]. Assim o tema família negra teria ficado submetida na análise dos modelos hegemônicos de família patriarcal no passado e a de classe trabalhadora no presente (Gabriela HITA, 2004, p.18).

As famílias negras chefiadas por mulheres ainda mantêm o modelo de família patriarcal hegemônica branca, são famílias extensas com mães, avós e filhos e filhas que mesmo sem a presença física do patriarca os seus ditames estão presentes através da matriarca na tentativa de que as gerações futuras consigam manter um relacionamento marital mais duradouro. Outra situação muito comum da presença do patriarcado nas periferias, que tenho observado, é na aquisição de um automóvel ou moto bens esses adquiridos em nome das esposas, pois a maioria dos homens tem seus nomes restritos, mesmo esses bens pertencendo a elas as mesmas não sabem conduzi-los, pois para elas o fato de serem conduzidas pelos maridos é motivo de orgulho e privilégio perante

as mulheres solteiras e essa posição enaltece esses homens perante a comunidade.

Certa vez, eu estava com duas amigas de gerações diferentes, a mais jovem com uns 27 anos e a mais velha uns 60 anos. A mais jovem mãe de uma menina de um ano e seis meses comentava sobre sua vida com o marido e dizia que ele só queria ficar na rua e não a ajudava com a filha que via sobrecarregada com as tarefas domésticas. A mais velha, então, a aconselhou não falar nada para não contrariá-lo e manter o relacionamento, pois o mais importante ele fazia que era manter as despesas da casa e que não adiantava reclamar porque ela é quem ia sair perdendo. Observando essas conversas e percebi como o patriarcado se perpetua.

O patriarcado é um sistema de opressão do homem sobre a mulher e está presente tanto nos espaços públicos quanto no privado, neste caso aqui falo do privado onde ele é ainda muito presente e também é reproduzido por mulheres contra outras mulheres, principalmente as mulheres solteiras que rompem com os padrões de famílias existentes.

A ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não como “sujeito”, o qual é silenciado e se torna dependente e passivo. Nesse sentido, o ser dominado perde sua autonomia, ou seja, sua liberdade, entendida como “capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir” (MACDOWEL e Wânia PASSINATO 2005, p.3).

Neste contexto de sexismo e racismo, as mulheres que decidem (ou podem decidir) pela solteirice, expressam, a meu ver, um modo de ver o estado civil solteira, como uma forma de empoderamento, que vem para romper com os conceitos machistas e patriarcais sobre a posição da mulher na sociedade ao qual, segundo Jean Jacques Rousseau, no século XVII, considerava que a mulher tinha a função social de procriar, cuidar dos filhos e do marido, era limitada à vida doméstica e que a sua existência se justificava para servir ao homem.

A obediência e a fidelidade que deve a seu marido, a ternura e os cuidados que deve a seus filhos, são conseqüências tão naturais e tão sensíveis de sua condição que ela não pode, sem má fé recusar seu consentimento os sentimentos interior que a guia, nem desconhecer o dever na inclinação que não se acha ainda alterada. (Jean Jacques ROUSSEAU, 1995, p. 458)

Em discordância à essas afirmações através de experiências e estudos algumas mulheres apontam para novos moldes de vivências dissolvendo os conceitos socialmente impostos à elas pela condição biológica.

Eliane Gonçalves (2007) vai discutir a emergência de uma personagem social, as “novas solteiras”: mulheres independentes, senhoras do seu destino, e que tem sido construídas na mídia desta forma, e afirmadas nos discursos e práticas sociais. Estas mulheres tem um perfil: são brancas, de classe média e alta, escolarizadas, independentes financeiramente e residem nos grandes centros urbanos.

Os trabalhos citados sobre o tema (de Darlane Andrade e Eliane Gonçalves) focam na solteirice de mulheres de classe média, maioria não negras, e trago para contextualizar com este que tem como desdobramento aprofundar em estudos com um olhar para a solteirice de mulheres negras de classe popular, que não tem sido priorizada em estudos sobre o tema. Assim, considero importante também um olhar de gênero e raça, observado também os homens solteiros, que expressam construções de masculinidade (hegemônicas), principalmente no que se refere à sexualidade, haja vista que comumente a solteirice traz vantagens pela suposta liberdade sexual. E para continuar o debate, trago no próximo tópico a perspectiva de gênero.

1.2.RELAÇÕES DE GÊNERO E OS DISPOSITIVOS AMOROSO E MATERNO

Para tratar das relações de gênero, considero que de modo geral, elas se relacionam com os papéis hegemônicos socialmente esperados para os homens, que são os de provedor financeiro e viril, e para as mulheres, os de cuidadoras, como discute Valeska Zanello (2016), relacionando estes papéis aos processos de subjetivação e construções identitárias. Em relação aos homens, diz a autora:

[...] os homens têm seus processos de subjetivação e construções identitárias voltados para si, exercem funções sociais de provedor, sua performance de gênero está relacionada com a virilidade e com a aprendizagem de papéis sociais construídos em torno da ocupação dos espaços públicos (Valeska ZANELLO, 2016, p. 109)

Quando eles não cumprem com esses papéis impostos, são vistos como desviantes, sensíveis (de um modo pejorativo), fracos, etc. Aos homens também é imputada a premissa de construir uma família quando adultos, mas não com o mesmo peso para as mulheres, porque elas são chamadas a cuidar inteiramente desta família – afetivamente, com cuidado de filhos/as e

companheiro/a, e como a principal pessoa para realizar os trabalhos domésticos. O papel dos homens na família está relacionado a expectativa social de ser provedor.

Para as mulheres, o que é esperado socialmente é o exercício deste papel de cuidadora: mãe e esposa, como também vai discutir Valeska Zanello (2016) ao trazer o conceito de dispositivo materno e amoroso para se referir aos modos de subjetivação das mulheres em nossa cultura. O dispositivo amoroso e materno foi instituído socialmente como as únicas coisas que realizam uma mulher, e as coloca em desvantagem (social) quando estão fora destes papéis.

Para Valeska Zanello (2016) as mulheres se subjetivam quando são escolhidas por um homem, que por sua vez segue um modelo estético, brancas, louras, jovens e magras o que faz com que as mulheres negras sejam rejeitadas por não atenderem esse perfil. E mesmo as que se aproximam mais do ideal estético e tendem a ser mais escolhidas pelos homens, elas ainda estão sujeitas a engordar e envelhecer. Ou seja, o que a autora chama de “prateleira do amor”, é um ideal que favorece aos homens, e não as mulheres.

Segundo Ana Cláudia Pacheco (2013) às mulheres negras por não atenderem aos pré-requisitos estabelecidos neste ideal de beleza e do que é esperado para as mulheres, estão fora da disputa afetiva, e neste sentido, usando a metáfora da professora Valeska Zanello, elas estão fora da prateleira do amor. As mulheres negras são inseridas no mercado da erotização dos seus corpos. Para Pacheco,

A mulher negra e mestiça estaria fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (Ana Cláudia PACHECO, 2013, p. 25).

Neste sentido é muito comum nas periferias as mulheres negras amargarem uma solteirice involuntária e as poucas que conseguem um relacionamento, os mesmos não são oficializados ou duradouros. Outro desfavorecimento é o estímulo à rivalidade das mulheres, que, para serem bem sucedidas na “prateleira do amor”, buscam ofuscar a outra mulher. O dispositivo amoroso pode ser também um caminho para o dispositivo materno, segundo Valeska Zanello (2016, p. 112): “Uma das chancelas de sucesso no dispositivo amoroso, além do ser escolhida (e se casar), é o tornar-se mãe dos filhos de um homem.”

A maternidade ainda nos dias atuais é imposta às mulheres como a maior realização de suas vidas e como isso foi construído socialmente, a maioria das mulheres tem a maternidade como algo divino, uma benção de Deus, e um caminho para reconhecimento de si. “Muitas são cobradas por não terem filhos cedo ou quando não podem ter são discriminadas e chamadas por termos pejorativos “útero seco” ou questionada “você vai ficar pra titia”?”, o que pode causar adoecimento psicológico para as solteiras que não tem filhos e até mesmo sofrimento para as mulheres casadas que não podem ser mães (biológicas). A não maternidade pode gerar crises no casamento quando a prioridade dessa união é a reprodução, formando uma “família completa”. Nesse sentido, as mulheres solteiras que não tem filhos são duplamente discriminadas, por não “pertencerem” a um homem e não terem filhos, são rotuladas de maneira discriminatória com relação a sua imagem perante as casadas e mães. E há situações que as mulheres acabam por se manter “presas” a um relacionamento marital e terem filhos na tentativa de formar uma família para serem aceitas socialmente e não sofrerem discriminação e violência. Isto é o que se discute como casamento e maternidade compulsórias.

Na busca por aceitação social e reconhecimento de si, muitas mulheres se subjulgam a união conjugal e a maternidade. Estas podem se utilizar de atributos sexuais para “atraírem” parceiros, como meio de chegar a um casamento e serem mães. Neste aspecto, considero que existe uma falsa liberdade sexual para as mulheres, que no fundo a procura é pelo amor romântico, idealizando uma “vida feliz” na “completude” da união conjugal. Digo isto porque ainda parece que o modelo de feminino mantém o dos séculos anteriores: ser uma boa mãe, cuidar da casa, dos filhos e cuidar do marido (de preferência uma relação heterossexual, apesar das relações homoafetivas serem práticas presentes no cotidiano). [...] “como crença e como prática, ainda hoje se concebe o filho como recurso para ‘segurar seu homem’ ou como exigência para a legitimação do casamento” (TRINDADE; ENUMO, 2002 apud ZANELLO 2012, p.112).

No que tenho observado na periferia de Salvador, principalmente as mulheres negras acabam por terem muitos filhos com homens diferentes na tentativa de manterem um relacionamento duradouro baseado no dispositivo materno e amoroso com perspectiva de provimento delas e dos filhos, pois as mesmas não possuem recursos financeiros ficando ainda com a responsabilidade de assumirem os filhos e filhas de relacionamentos anteriores.

Este modelo de vivência baseado na submissão financeira e psicológica convive também com outros, visto que há mulheres que estão mudando suas realidades e priorizando o trabalho, estudos e outros projetos de vida, o que faz com que elas sejam estereotipadas e expostas a vários tipos de violências de gênero principalmente por outras mulheres que estão numa posição de privilégio pelo seu estado civil. Neste jogo de aceitação das possibilidades de viver e as imposições sociais ainda convencionais, trago a violência de gênero que considero perpassar as vivências das mulheres solteiras.

1.3. VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Em minhas observações no bairro de Cajazeiras, o homem quando mora só (e é solteiro) é visto pela vizinhança como o “o cara” “o pegador”; ele é poderoso e respeitado tanto pelos homens quanto pelas mulheres que a eles são apresentadas, pois eles se tornam objetos de disputas entre elas por ostentar o que eles chamam “poder aquisitivo” vindo deste aspecto da virilidade. No prédio onde resido, tenho um vizinho que mora sozinho, tem 53 anos de idade, seu nível de escolaridade é o fundamental incompleto, ele é operário da construção civil e não tem parceira fixa. Ele leva mulheres em seu apartamento, mas nunca é questionado por isso. Esse homem vive me assediando, que no entender dele é paquerar. Como eu não aceitei sua insinuação, pois não sou obrigada, ele começou a questionar minha sexualidade, inclusive insinuando que sou lésbica. O que acho interessante nessa situação é que ele é solteiro e mora só, mas a solteirice que incomoda é a minha, até para as outras pessoas do local. Os títulos que ele recebe são enaltecidos, enquanto que para mim são de cunho pejorativo “puta” “rejeitada” “sapatão” e outros, mostrando que os homens solteiros não têm o mesmo tratamento que a maioria das mulheres solteiras, que sofrem violências constantemente.

O artigo de Eliane Gonçalves (2009) “Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a “solidão” das “solteiras” na contemporaneidade”, aborda o tema da solteirice a partir de entrevistas com mulheres solteiras que moram sozinhas no sudeste do país, e análise da demografia e notícias veiculadas em jornais, sobre o tema. No artigo citado, o tema da violência sofrida pelas mulheres solteiras aparece e é discutido ao observar na literatura e na fala das entrevistadas como este ainda

está carregada de preconceito e estereótipos, fazendo com que, na visão social a solteirice está longe de ser considerada liberdade e sim, está relacionada mais a solidão.

Quando há um descumprimento das normas (hegemônicas) de gênero, a violência se instaura como forma de colocar mulheres e homens nos seus “devidos lugares” sociais. E em uma sociedade ainda patriarcal, são as mulheres que ficam mais vulneráveis a violência de gênero. Para combater este tipo de violência, campanhas são feitas para conscientização da sociedade no intuito de garantir às mulheres o direito de conduzirem suas vidas sem violência, com dignidade, sem submissão e opressão do outro ou outra.

Darlane Andrade (2012, p. 53) cita Jill Reynolds e Margareth Wetherell (2003), em estudos realizados em contexto britânico sobre solteirice, que ao meu ver, não tem diferença para o brasileiro quanto aos questionamentos feitos em função do não casamento.

Às casadas, não se perguntava, por exemplo, “por que você se casou?”, ao contrário das solteiras das quais ainda hoje se espera uma explicação sobre a sua situação, de preferência uma história que fale das “circunstâncias” e “oportunidades perdidas” ou a explicação pela culpa, por ser “incapaz de segurar um homem” [...] (Darlane ANDRADE, 2012, p.53).

Para algumas mulheres casadas elas não são questionadas porque casou e as mesmas depois de algumas tentativas em manter um relacionamento duradouro ainda culpam-se dizendo: “Não dei sorte!” Para elas, não dar sorte nesse sentido significa que o fato dela ter estado em vários relacionamentos e os mesmos terem chegado ao fim e ainda estando em outro, acreditam que se tivesse sorte estaria com o primeiro homem de sua vida não levando em consideração vários fatores que favoreceram para o término inclusive as violências domésticas sofridas.

E para algumas mulheres solteiras quando estas estão envolvidas em algum empreendimento pessoal tipo uma formação acadêmica, não é perguntado quando se já formou ou quando irá, mas sim se já casou ou quando vai ser seu casamento, mostrando que apesar das mulheres terem diversos projetos de vida, o casamento ainda é o mais valorado socialmente.

Para discutir o tema da violência, trabalhei com o livro “Gênero, patriarcado, violência” de Heleieth Saffioti (2004), buscando compreender como o sistema patriarcal ainda se apresenta na reprodução de violência entre as mulheres na sociedade contemporânea. Trabalhei também com o texto “Notas sobre estudos feministas no Brasil”, de Cecília Macdowel e Wânia Passinato, (2005)

trazem colaborações de Marilena Chauí que discute com outras literaturas que abordam o machismo.

A hipótese com a qual trabalha Chauí é a de que “as mulheres, tendo sido convertidas heteronomamente em sujeitos, farão de sua “subjetividade” um instrumento de violência sobre outras mulheres”. Argumenta a autora que as mulheres são “cúmplices” da violência que recebem e que praticam, mas sua cumplicidade não se baseia em uma escolha ou vontade, já que a subjetividade feminina é destituída de autonomia. As mulheres são “cúmplices” da violência e contribuem para a reprodução de sua “dependência” porque são “instrumentos” da dominação masculina. (Cecília MACDOWEL e Wânia PASSINATO, 2005, p.4).

A perspectiva feminista e marxista do patriarcado, introduzida no Brasil pela socióloga Heleieth Saffioti é a segunda corrente teórica que orienta os trabalhos sobre violência contra as mulheres. Essa perspectiva vincula a dominação masculina aos sistemas capitalista e racista.

A primeira corrente teórica que identificamos como uma das principais referências orientando as análises sobre violência contra as mulheres nos anos 80 corresponde ao famoso artigo de Marilena Chauí, intitulado “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. Nesse trabalho, Chauí concebe violência contra as mulheres como resultado de uma ideologia de dominação masculina que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. (Cecília MACDOWEL e Wânia PASSINATO, 2005, p.3).

Nas palavras de Heleieth Saffioti (2004), o patriarcado pode ser praticado por outras mulheres, neste caso a reprodução sem precisar da presença do patriarca.

Várias formas de violência de gênero são perpetradas contra as esposas sem que o agente imediato destas práticas seja, necessariamente, o patriarca. Ao contrário, este até parece afável em várias circunstâncias. A ordem patriarcal de gênero, rigorosamente, prescinde mesmo de sua presença física para funcionar. (Heleieth SAFFIOTI, 2004, p.2)

Heleieth Saffioti (2004) defende o uso do conceito de patriarcado, pois esse representa um tipo hierárquico de relação que está presente em todos os espaços sociais e que é uma relação civil e não privada. O patriarcado concede direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, possui uma base material e corporifica-se. Além disso, diz respeito a uma estrutura de poder que tem por base a ideologia e a violência. Saffioti (2004) acredita que o sistema patriarcal e sua ideologia impregnam a sociedade e o Estado. Para a autora, na ordem patriarcal de gênero, o poder é exercido por quem for homem, branco e heterossexual. A sociedade é perpassada não apenas por discriminações de gênero, como também de raça, etnia, classe social e orientação sexual. Saffioti (2004) acrescenta que a grande contradição da sociedade atual é composta pelo nó do patriarcado,

racismo e capitalismo.

Essa diferença de valor em torno do casamento civil pode talvez ter contribuído, a meu ver, para o que considero existir de rivalidade entre as mulheres solteiras e as casadas, partindo do pressuposto que as mulheres têm buscado independência financeira, e quanto mais elas conquistam esta independência, mais elas querem o direito de ser agentes de suas próprias vidas. Contudo, a que mesmo independente, não cumpre com o papel social de gênero que ainda está construído sob a noção de que as mulheres tendem a buscar um companheiro - de preferência um homem - para compartilhar a vida, fica vulnerável a sofrer violência de gênero.

Para Maria Amélia Teles e Mônica de Melo, “a violência de gênero é [...] uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas” [...]. “A violência de gênero pode ser entendida como ‘violência contra a mulher [...]’”. (Heleieth SAFFIOTI, 2002, p. 18).

Este tema vem sendo discutido em diversos campos de saber e principalmente pelas feministas, de um modo constante nos tempos atuais em função do grande índice de mulheres em situação de violência. Segundo a Secretaria de Segurança Pública – SSP, na Bahia, de janeiro a setembro de 2017 foram mais de 37.00 casos (registrados) de violência contra as mulheres. Entre as mulheres vítimas das reproduções da violência de gênero trago as mulheres solteiras, pois existe um ciclo de opressão e violência em torno do estado civil, que é invisibilizada. Não existem dados com relação às violências sofridas por essas mulheres praticados pelas casadas, pois muitos casos não são registrados e quando acontecem são tratados como “crimes de proximidades”, ou seja, brigas entre vizinhas/os por qualquer motivo ou motivação.

Os homens também são vítimas da violência social quando não cumprem o que são imputados à eles como “papel de gênero” (hegemônico), ou seja, o “papel de homem” – o que socialmente é esperado para eles, pela sociedade e quando não cumpridos, cabe a mesma o dever de puni-los.

No próximo tópico, a questão de gênero se entrecruza com raça em se tratando de vulnerabilidade das mulheres às violências de gênero, somada ao racismo para as mulheres negras solteiras.

1.3.SOLTEIRICE E A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS

O termo solteirice vem sendo usado em estudos sobre mulheres solteiras de classe média, maioria não negra em Salvador, como já posto. Observo que no cotidiano das mulheres negras das periferias de Salvador, este conceito ainda não é conhecido, ou utilizado, e sim, o de “solteira”. Percebo que muitas mulheres negras já vivenciam a solteirice, mas de maneira involuntária, ou seja, são abandonadas pelos companheiros ou rejeitadas pelos homens para um relacionamento duradouro justamente por serem negras.

A cidade de Salvador, considerada a capital mais negra do país, tem uma grande concentração de mulheres negras e chefes de família como discutem as autoras que buscam refletir sobre temas relacionados à condição de vida das mulheres negras, como fizeram Márcia Macedo (2008) ao estudar mulheres chefes de família, e Gabriela Hita (2004) ao estudar sobre o matriarcado negro em Salvador, como já trazido nesta monografia.

De acordo com minhas vivências cotidianas no bairro de Cajazeiras, penso que a solteirice voluntária (por sua própria escolha e não por abandono e rejeição dos homens) ainda é uma realidade distante para a maioria das mulheres de classe popular, maioria negra, com baixo nível de escolaridade, excluídas do mercado de trabalho e que a maternidade acontece precocemente ainda na adolescência, fazendo com que elas passem pouco tempo solteiras, o que as levam à terem uma rotatividade de relacionamentos.

Para explicar sobre as mulheres negras e solidão, trago discussões sobre famílias negras, afetividade e solidão. Sobre o assunto, Florestan Fernandes (1978) observou que a mulher negra seria a grande base de sustentação da família negra. Sozinha, seria a responsável (a chefe) pela sustentação econômica e educação das/os filhas/os. Afirma que, no plano sexual e afetivo, as mulheres negras sofreram a penúria, a humilhação e a infelicidade por ter relações amorosas transitórias, não estáveis.

Além disso, Fernandes apontou para o problema da poligamia no “meio negro” como elemento negativo e reforçador da constituição das famílias negras parciais, das mulheres negras sem parceiros. Estas eram abandonadas pelos seus companheiros, “os homens de cor” que viviam os ditames do desemprego e da marginalidade da nova ordem social, relegando às mulheres negras a “solidão” e a tarefa árdua de lutar pela sobrevivência dos filhos. (Ana Cláudia PACHECO, 2013, p.80)

Nos tempos atuais não é diferente para as mulheres negras, pois as questões social e financeira as colocam numa situação de vulnerabilidade, o que pode fazer com que elas passem pouco tempo solteiras, sendo obrigadas a se relacionarem frequentemente, fazendo com que sejam estigmatizadas como largadas e promíscuas, quando não estão numa relação estável. Essas frequentes trocas de parceiros podem acontecer também por questões financeiras e para se protegerem de antigos relacionamentos (principalmente se estes foram abusivos). Poucas são as que conseguem sair dessa realidade, mas ainda assim são vítimas de preconceito da sociedade que cobram uma presença masculina.

A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (Ana Cláudia PACHECO, 2013, p.25)

Para a autora, existe uma carência afetiva das mulheres negras e mestiças, uma sexualização dos seus corpos e uma inferiorização e desvalorização do seu trabalho. Quando o assunto é afetividade as mulheres negras são preteridas pela maioria dos homens negros, que preferem as mulheres brancas principalmente quando estes pretendem construir uma família. Neste sentido pude observar que existe um tratamento diferenciado dado para as/os filhas/os dessa união começando desde o nascimento nos acompanhamentos médicos carregando a criança no colo o que não acontece com as/os adquiridos com a mulher negra que muitas das vezes são abandonados ainda na gestação ficando toda responsabilidade para ela. Outra situação é que esse fato é naturalizado para as mulheres, mas quando raramente uma mulher vai embora e deixa os filhos com o pai por motivos nem sempre relatados, mas geralmente para fugir da violência doméstica, essa mulher é tida principalmente por outras mulheres como “mãe ingrata”, “monstro” e outros termos e o pai é idolatrado como o “pai herói”.

Segundo Lélia Gonzalez (1979), citada por Ana Claudia Pacheco as mulheres negras no tempo da escravidão sofriam violência sexual praticadas pelos seus opressores que as tinham como propriedades. Suas esposas brancas as castigavam por ciúmes, pois não existia uma sororidade,

nem existia a cumplicidade e assim, a reprodução da violência de gênero já era presente em função do estado civil e da raça. A relação sexual que existia para as mulheres negras era forçada através da violência físico- sexual e psicológica.

Para Ana Cláudia Pacheco, com a introdução das teorias raciais científicas no Brasil, os primeiros estudos surgiram a partir do século XIX e até os dias atuais onde foi dada maior atenção por várias (os) intelectuais e pesquisadoras (es) brasileiras (os) e estrangeiras (os) pelo tema racial, não dando a mesma importância sobre a afetividade baseada na raça e gênero. Segundo a autora,

[...] a miscigenação brasileira é uma prática cultural que se realiza muito mais pela preferência afetivo-conjugal de homens negros por mulheres brancas, do que ao contrário, como atestam alguns estudos, o que contraria o modelo freyreano de uma democratização das relações sexual-raciais no Brasil. (Ana Cláudia PACHECO, 2013, p.51).

A autora aponta que se de fato existe um modelo democrático de relações inter-raciais, como poderia explicar a “solidão” afetiva de mulheres negras (pardas e pretas) no Brasil. Sugere que os conceitos de raça e gênero, quando combinados, são dois marcadores sociais que afetam mais as mulheres negras do ponto de vista de sua exclusão afetiva-sociocultural do que outros grupos.

Outros autores criticam a obra freyreana por esta consolidar uma imagem estereotipada sobre a sensualização e afetividade de negros e índios, especialmente da mulher negra/mestiça, como objeto de desejo sexual. Ou, ainda, têm se criticado o papel mediador (ou atenuador) e passivo que a mulher negra teria nas relações de reciprocidade racial-sexual-afetiva entre negros e brancos, na obra desse autor, anulando-se o papel ativo que esta tivera nas lutas de resistência contra o escravismo e a dominação patriarcal. (PACHECO, 2013, p. 58)

Ana Cláudia Pacheco traz uma crítica importante para refletir sobre a estereotipa relacionada à sexualização e afetividade de povos originários do Brasil, especialmente das mulheres negras e bebo nessa fonte para olhar para as mulheres negras solteiras, que a partir do rótulo discriminatório, ficam de fora das relações de afeto que pretendem mais respeitosas.

CAPÍTULO 2

SOLTEIRICE, CASAMENTO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BAIRRO DE CAJAZEIRAS: OBSERVAÇÕES DE CAMPO E ENTREVISTAS

Neste capítulo trago os principais dados do estudo, construídos a partir de observações do cotidiano de mulheres solteiras e casadas no bairro de Cajazeiras, a descrição deste território também a partir da literatura, e apresento a análise das entrevistas realizadas. Do bairro, faço uma etnografia com suas peculiaridades da época do império aos dias atuais, os avanços imobiliários, comerciais e de lazer local. Também observo Cajazeiras como moradora local e que transita em espaços de lazer onde também vejo mulheres solteiras e casadas. Descrevo quem sou neste território e desde este lugar, de mulher negra solteira, faço interlocução com mulheres solteiras e casadas entrevistadas, observando as narrativas sobre as vivências e opiniões acerca do estado civil.

2.1. CAJAZEIRAS E AS MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS NO BAIRRO....

O bairro de Cajazeiras³ tem características de uma cidade que começou na época do Brasil Império, quando os negros e negras se refugiavam nas áreas do Quilombo do Buraco do Tatu, que correspondia a extensão do atual bairro de Valéria até o bairro de Itapuã, na orla da capital baiana.

No bairro está situada a avenida Assis Valente em homenagem ao famoso compositor baiano (vivido entre 1911 e 1958). Nesta avenida se encontra a pedra de Xangô⁴, considerado um

³O Complexo Habitacional Cajazeiras é constituído dos bairros Cajazeiras II, III, IV, V, VI, VII, VIII, X e XI, as Fazenda Grande I, II, III, IV, Águas Claras e Boca da Mata. Uma cidade dentro da cidade foi sendo edificada ao longo dos anos, e com ela um enorme adensamento populacional, com a consequente perda de grande extensão de áreas verdes, notadamente, aqueles espaços secularmente cultuados pelo povo-de-santo. (Maria Alice SILVA, 2017.63)

⁴[...] a Pedra de Xangô é uma extensão territorial das comunidades terreiros de Cajazeiras e adjacências. O monumento sagrado é cenário de inúmeras oferendas realizadas diariamente por adeptos do candomblé das mais variadas nações que, movidos por sentimentos religiosos, ali exercem seus atos litúrgicos para Xangô, [...] (Maria Alice SILVA, 2017, p.34)

monumento sagrado do povo do candomblé tombada pela Fundação Gregório de Mattos - FGM. sob Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município (8.550/2014), executada pela em 04 de maio de 2017.

Por ser uma área pertencente a um quilombo e sua população ser oriunda de negros e negras pertencentes a religião de matriz africana, Cajazeiras possui muitos terreiros de candomblé que se organizaram e criaram a tradicional caminhada da pedra de Xangô onde gerou uma mobilização pelo tombamento da mesma.

O governo do Estado iniciou em 1975 o processo de desapropriação das terras de quatro grandes fazendas: a Fazenda Jaguaribe de Cima, também conhecida como Fazenda Grande, a Fazenda Cajazeiras, a Fazenda Boa União e a Chácara Nogueira, num total de 16 milhões de m², absorvendo áreas na BR-324, na altura do Supermercado Makro, até o Km 5,5 da Estrada Velha do Aeroporto, cujos limites abrangiam os bairros de Castelo Branco e Nova Brasília e atravessando o Golfe Clube. A escolha da área se deu devido à sua localização, objetivando a integração dos diversos núcleos habitacionais instalados nas proximidades e sendo mais uma alternativa para o surgimento de um centro regional de comércio e serviços, proposto na margem da BR-324, em Águas Claras.

O bairro de Cajazeiras teve ocupação e expansão significativas a partir da década de 1990 e hoje, caracteriza-se por reunir populações de diferentes origens, oriundas do interior do estado e também de outros bairros populares, e por um comércio local em constante expansão, que procura atender às necessidades da sua população, já que o bairro encontra-se bastante isolado do centro da cidade.

Apesar de possuir comércio próprio, a estrutura de serviços inicialmente projetada ou praticada tornou-se insuficiente para atender à atual demanda populacional que cresceu numa proporção inimaginável. No corredor entre o posto de saúde da VII e o supermercado Atacadão (próximo à Fazenda Grande I) podem ser encontradas diversas lojas dos vários segmentos comerciais e cursos, como o de informática. Foi estabelecido um Centro de Distribuição dos Correios, bancos, agora conta também com um shopping, um mercado municipal, com os serviços do SAC, da Defensoria Pública, dentre e outros serviços, após anos de intensa solicitação da

comunidade. A população ainda reclama a existência de um cemitério público local, pois utiliza outros da cidade, mesmo com a construção do "Cemitério Bosque da Paz", na Estrada Velha do Aeroporto, de cunho privado.

Na questão da Educação, em Cajazeiras X funciona a Escola Básica e Profissional Fundação Bradesco, estabelecida desde 1985, que se destaca pelo método de aprendizado considerado bastante avançado. O bairro possui também diversas escolas particulares, públicas municipais e estaduais em todos os níveis educacionais, alguns campus de universidades particulares além de creches.

Na área de saúde, Cajazeira possui dois postos de saúde, um na Cajazeira II e outro na Cajazeira VIII, este último oferecendo serviço de emergência. Além destes equipamentos, o bairro dispõe também da Maternidade Albert Sabin, do Hospital Geral de Cajazeiras, o Hospital Hope antigo Jaar Andrade, várias clínicas particulares, Hospital Municipal na Boca da Mata, um hospital de doenças infectocontagiosas o Couto Maia e uma guarnição do corpo de bombeiros.

A segurança em Cajazeiras está a cargo da 3ª Companhia Independente da Polícia Militar, que fica na Estrada do Coqueiro Grande. No bairro também está instalada a 13ª Delegacia da Polícia Civil, localizada em Cajazeira X e uma DEAM (Delegacia Especializada no atendimento à mulher).

Cajazeiras é uma região com muito verde, onde está situada a barragem de Ypitanga da Embasa numa área de preservação ambiental. Com relação a lazer, tem destaque a Rótula da Feirinha (antiga feira) onde foi construída uma praça com equipamentos de exercícios físicos, um ginásio de esportes e o Campo da Pronaica, local onde são realizados grandes eventos como o Carnaval e a copa Cajazeiras.

Observo que as atividades de lazer nos finais de semana para as mulheres são bem restritas, para as evangélicas tem muita igreja, muitas mulheres (que observo serem casadas) vão para o culto da noite, pois tem as tarefas domésticas para cuidar durante o dia. As que não participam de nenhum grupo religioso, observo que vivem integralmente para o lar enquanto seus maridos vão passear com os passarinhos, hábito muito comum nas periferias, vão jogar bola e muitos passam o dia na rua com os amigos em bares, só retornando para casa à noite.

Para eles isso é de direito, pois já cumpriram com suas obrigações de marido e provedor, mesmo quando suas esposas trabalham fora de casa e contribuem com as despesas da casa, como muitas às vezes fazem quando eles estão desempregados. Contudo, o direito a essa liberdade de ter lazer nos territórios fora da casa só compete ao homem. Umhas poucas casadas que frequentam os barzinhos da vizinhança sofrem discriminação das outras, elas são rotuladas de “corneteiras” (termo pejorativo usado para mulheres que traem seus maridos). Para as outras elas fogem do padrão de mulher casada, ou seja, “mãe de família” e “dona de casa”: uma “mulher de respeito”. Por essa situação que observo no meu entorno, considero que essas mulheres se aproximam das solteiras por sofrerem da reprodução da violência de gênero. Observo que as solteiras também tem poucas opções de lazer no bairro, e vejo que para não ficarem expostas a comentários sobre sua situação conjugal ou não serem abordadas indesejavelmente por homens que consideram que estão disponíveis para encontros sexuais, elas saem para outras localidades ou ficam em casa.

As observações feitas neste bairro, parte da minha vivência como moradora há mais de oito anos, e que costumo circular nas ruas, praças, bares e redondezas, e também como uma mulher solteira, observo os trânsitos de outras mulheres pelo local.

2.2 A PESQUISADORA E AS MULHERES SOLTEIRAS E CASADAS EM CAJAZEIRAS

Para continuar apresentando sobre a vivência da solteirice em Cajazeiras, faço uma pequena apresentação sobre quem sou, um breve relato de minha vivência como mulher negra solteira e morando sozinha nessa comunidade, pequenas falas das entrevistadas e análises dos dados coletados dialogando com trabalhos teóricos que abordam temas propostos.

Sou mulher negra, tenho 48 anos mãe solo de uma jovem de 28 anos, filha de mãe solo também, a quinta de cinco irmãs/os e a única a fazer uma faculdade sendo graduanda do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, da Universidade Federal da Bahia. Partindo deste lugar, considero que rompi com um ciclo de opressão e subordinação do qual ainda vive a maioria das mulheres negras da minha classe e geração. Sou solteira e moro sozinha em um

conjunto habitacional em Cajazeiras e por esse fato, era questionada por mulheres casadas do meu convívio com relação ao meu modelo de vida. Elas não perguntam quando irei formar, pois percebo que os meus projetos de vidas não têm importância, e sim, vivem questionando sobre o meu estado civil. Devido a essas abordagens, fiquei interessada em estudar o tema, como já posto na introdução, e o fiz observando e conversando com mulheres no bairro. As observações e entrevistas aconteceram entre os anos de 2017 e 2019.

Participaram da pesquisa quatro mulheres, sendo duas casadas e duas solteiras, outras mulheres que entrei em contato (uma casada e duas solteiras) desistiram com a entrevista em andamento. As mulheres tem idade entre 27 e 34 anos, 3 são negras e uma se considera parda. Para preservar suas identidades, dei para as participantes codinomes de pedras preciosas.

As casadas são **Esmeralda e Jade**. Esmeralda é negra, tem 33 anos, mora com um filho de 10 anos e seu companheiro com quem convive maritalmente há 18 anos, e o conhece desde o tempo da escola. Ela estudou até o ensino médio e, se intitula como dona de casa. Jade também é negra, tem 31 anos, mora com uma filha de 10 anos, filha do seu primeiro relacionamento, e tem um bebê de oito meses. Está no seu terceiro relacionamento marital, e o atual companheiro reside com ela há dois anos. Jade estudou até o ensino médio e atualmente está desempregada.

As solteiras são **Rubi e Ametista**. Rubi é negra, tem 27 anos, está solteira há cinco anos, mora sozinha, sem filhos, formada em Educação Física, trabalha em uma academia, filha única de pai e mãe, ambos solteiros. Conviveu maritalmente por três anos, e sofreu violência doméstica. Ametista se considera parda, tem 33 anos, está solteira há seis anos, tendo convivido maritalmente por cinco anos. Ela mora sozinha e não tem filhos, é formada em jornalismo e trabalha como assistente administrativo em um sindicato.

2.3. AS MULHERES CASADAS

Esmeralda

Em sua rotina diária ela disse que primeiro cuida do café da manhã, do filho e do marido, cuida da comida depois, limpa a casa. Depois do trabalho da casa pela tarde leva o filho para escola.

No momento está procurando se organizar para estudar, já que está fazendo um curso e tenta tirar um tempo para se dedicar. Com relação às atividades de lazer, Esmeralda disse que costuma ir para o interior do estado e sair para tomar cerveja com algumas amigas. Ela afirma que essa relação de amizades se mantém no contato com as amigas na rua quando sobra um pouco de tempo e nunca dentro de casa. Pelo fato de ser casada, considera que não é correto levar as amigas para sua casa.

Sobre a vida amorosa, ela diz ser uma “vida normal”, que tem conversas, alguns estresses como todo casal tem. “A vida de casada é... pelo o que eu vejo tem momentos bons, momentos ruins, entendeu? Sempre tem aquela rivalidadezinha⁵, então a vida de casada pra mim é uma vida contínua e simples.” (Esmeralda).

Sobre a sua vida como solteira, ela disse que nesta época, tinha mais tempo para ela, trabalhava só para suprir as próprias necessidades e ficava mais à vontade, que era muito diferente da vida de casada, em que tem que viver para ela e para os outros [por ser casada]. “Tenho que viver pra mim e pros outros. A minha vida atual é viver pra família, a minha vida é essa! Não tinha responsabilidades [quando era solteira], eu não me preocupava com a casa e com a família.” (Esmeralda).

Dialogando com a fala da entrevistada, a pesquisadora Valeska Zanello ao se referir ao dispositivo materno, fala sobre esse processo subjetivo no qual as mulheres são colocadas como as que abrem mão de sua liberdade em prol do cuidado de outras pessoas. “O dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras “natas””. (Valeska ZANELLO, 2016, p.113-114). Esmeralda acredita que ter responsabilidade só existe quando a mulher está envolvida em um relacionamento e uma família, e por isso acha que as mulheres solteiras que vivem sozinhas não querem ter responsabilidade, porque a vida de casada sempre tem.

As mulheres solteiras, pra mim é uma pessoa especial né, especial assim que leva a vida só, que não quer ter problema, não quer ter responsabilidade, por que a vida de casada sempre tem responsabilidade e a vida de solteira é essa, a vida de solteira é uma pessoa que não quer ter responsabilidade quer viver só, quer ter suas coisas sozinhas, que ter suas conquistas né? Que a vida de solteira é conquistar seus objetivos. (Esmeralda).

⁵ Para Esmeralda seriam: “Coisas que não concordadas entre as partes.

Esmeralda entende que a responsabilidade de algumas mulheres é só pagar algumas contas e outras necessidades, não especificando quais e ainda assim considera que as solteiras não tem muitas responsabilidades quanto às casadas, pois ter responsabilidades para ela é cuidar da casa, filhos e maridos. Considera que o lado bom de viver só é fazer as coisas quando querem e ter oportunidade de conquistar seus objetivos, mas não tem com quem compartilhar suas coisas dando a entender que considera que ser solteira é ter uma vida solitária.

Eu acho que não tem como se preocupar com filho, marido e casa, mas também pode ter responsabilidade como as suas contas necessidades do que precisa, porque a mulher solteira tem seu lado bom e ruim. Bom porque faz as coisas como pode e deve fazer é ruim porque sente falta de um companheiro para conversar e compartilhar assuntos e ideias pessoais. (Esmeralda)

Sobre as vantagens de ser casada, ela diz que tem várias, pois seu companheiro supre as suas necessidades, que é uma pessoa “até consciente” (sic), que o que ele pode fazer, ele faz. Ela disse que é certo para o papel de homem dar atenção a família, arcar com as despesas, o lazer e manter o amor). Parece se referir aos papéis convencionais de gênero, com as mulheres assumindo os cuidados domésticos e o homem, o papel de provedor. Esmeralda, como a maioria das pessoas que seguem os moldes sociais acreditam que as relações de gênero são definidas por papéis (de homens de mulheres), por tanto ela ver vantagens na relação marital, pois seu companheiro se enquadra nesse perfil.

Para Esmeralda, as desvantagens é que a mulher solteira tem mais possibilidade de fazer as coisas que desejam e o que querem, já para as casadas é difícil, porque tudo tem que comunicar, tudo tem que resolver em acordo para não ter problemas. Neste caso aqui, ela está se referindo as discussões e desentendimentos no relacionamento. Mesmo ela dizendo gostar desse tipo de vivência, sente-se presa, pois não tem a liberdade das solteiras que podem fazer o que desejam quando e a hora que quiser sem ter que pedir permissão ou dar satisfação.

A entrevistada diz já ter sofrido discriminação por parte de algumas mulheres solteiras: “Sim [fui discriminada] por colegas, falam que solteira é bem melhor do que casar, ficar presa passando, lavando, sendo empregada, essa coisa...” Ela se sente discriminada pela vida que leva ser vista como uma vida de servidão sem remuneração e cheia de restrições, mas ainda assim,

mesmo não sendo casada formalmente, acha que é importante ter o sobrenome do marido, porque facilita resolver algumas coisas da casa.

O depoimento de Esmeralda desmistifica a ideia ou o ideal de felicidade que é o casamento... e mostra que essa ideia de prisão que o casamento carrega, é ainda uma expressão do patriarcado.

É bom [ter o sobrenome do companheiro]! Pra gente que como eu não sou casada pra mim é bom! Porque eu é... eu posso resolver as coisas dele, no caso eu com o sobrenome dele, e eu posso resolver as coisas, porque eu vou ficar casada mesmo no papel e ele pode também resolver coisas pra mim. A vantagem que tem da pessoa ter o mesmo sobrenome do marido é essa. (Esmeralda)

Ela disse que não foi combinado morar junto quando percebeu já estavam convivendo um relacionamento marital, e que está satisfeita: “estou satisfeita com minha vida de casada e eu sinto que tudo dar certo com uma boa conversa”.

Jade

Jade começa sua rotina às cinco da manhã para cuidar do bebê e arrumar a outra filha para escola, depois limpa a casa e prepara o almoço. Quando o marido chega do trabalho os afazeres passam a ser dele, tipo lavar os pratos do almoço, fazer a mamadeira e o café da noite. Depois de algum tempo passaram a dividir as tarefas domésticas. Ela disse que foi dela a ideia de dividir as tarefas domésticas, porque estava muito estressada em fazer sozinha todos os dias manhã, tarde e noite as mesmas coisas e queria tirar um tempinho para cuidar de si, pelo menos uma vez por semana para fazer as unhas e arrumar os cabelos.

Em relação as amizades, Jade diz que nunca teve de verdade e já se decepcionou com algumas pessoas.

Nunca gostei de muitas amizades, acho que amigo, amiga pra contar tudo o que acontece comigo, confiar verdadeiramente nunca tive. Todas as vezes que achei que tinha um amigo no fim descobria que ele queria algo mais e duas mulheres que eu acreditei que podia confiar, uma ficou com um antigo namorado meu e se fazendo de minha amiga, a outra descobriu o número do meu ex-marido e até marcou um encontro com ele se passando por outra pessoa pra ficar e ele não desconfiar quem ela era e me contar, foi a minha tia por cima, uma malícia entende? (Jade)

Jade revela que teve decepções com amizades por conta de vivência de rivalidade entre mulheres por causa de um homem, mostrando o dispositivo amoroso operando nesta relação, e desigualdade de gênero entre as mulheres. Valeska Zanello (2016) aborda essa relação de rivalidade na “prateleira do amor” onde as mulheres são submetidas a disputa pela preferência de um homem em detrimento da outra.

Sobre lazer, ela diz que depois que o marido paga todas as contas da casa e despesas o que sobra é pro lazer, às vezes tem que escolher lazer ou pagar dívida. Então, na relação conjugal quem define o lazer é o homem, a partir do gerenciamento do dinheiro. Isto mostra relação conjugal nos moldes nuclear patriarcal, com papéis de gênero definidos e observo como o dispositivo da eficácia atua aí também, mostrando que os homens se valoram e são valorizados pelo papel de provedor como nesta família. Sobre o que pensa da vida de casada, ela diz ser muito difícil, mas com concordância de que pode dar certo. “É muito difícil, pensamentos diferentes, temos que fazer o máximo para haver sempre uma concordância, porque não é impossível a vida a dois, pois não tem quer ser tudo do meu modo, nem do dele” (Jade). Então aqui parece haver busca de conciliação desta desigualdade de poder na relação conjugal.

Com relação as mulheres solteiras, Jade acredita que pelo fato de estarem nessa condição vão flertar com vários homens, sem responsabilidade, o que contribui para aumento dos casos de feminicídios. Mesmo as casadas também sendo vítimas dos próprios maridos, ela acha que ainda assim os homens valorizam mais as mulheres casadas e que as mulheres solteiras e as mesmas tem um lugar onde deve se impor e exigir respeito.

Tipo se ela está solteira vai flertar com a e b⁶ e não vai ter responsabilidade, na verdade estou procurando palavras e não estou achando pra responder. Tipo assim ó... Porque o homem hoje em dia quando ou ele dar mais respeito, assim tem muitos que finge ter um respeito quando as mulheres são casadas né isso? é tanto que você ver aí mortes, tantas mortes que você vê aí de mulher feminicídio, as mulheres casadas que são mortas pelos maridos e as que são estupradas e mortas solteiras, então os homens hoje eles dão mais valor as que são casadas, tipo assim olhando por esse lado, já tem umas que já não se dão valor, aí as que flertam e aí mulher já não tem valor na boca homem, entendeu? Ah... Tá solteira fala que pega que faz, que acontece e a mulher casada não ela é mais sabe como é? E já tem umas que são solteiras que não dão ousadia, não dar lugar nem pra ele flertar com ela, entendeu? Que eles têm vontade de tomar qualquer tipo de ousadia, mas por ela ser mais reservada, por ela se colocar no lugar, por ela assim só um bom dia, uma boa tarde, não dar ousadia a ninguém, então a pessoa tem mais respeito. Eu acho que nós as

⁶ Uma forma de dizer que vai flertar com várias pessoas.

mulheres em geral, se a gente tivesse mais respeito pela a gente mesmo não ia tá hoje como tão desvalorizada, porque as mulheres hoje em dia... Entendeu? É músicas de baixo escalão que a mulher dança, é tipo, é muitas coisas que a mulher se sujeita, ah tá ali, porque tá solteira, porque muitas que tem marido ela já fica naquela já recua né por causa do marido e as que não tem ninguém já se expõe e então acaba que a gente vai na mesma leva delas e fica todo mundo sem respeito à maioria. (Jade)

Por Jade ter feito explicações complexas sobre o tema me aprofundei nos questionamentos e perguntei por que as que tem marido se recuam, então ela respondeu:

Sim, eu acho que recuam porque ela não vai querer ver o nome dela aqui ali na boca de um, na boca de outro e as que são solteiras não tá nem aí pra nada, não tem satisfação a da a ninguém entendeu? Que quer vestir roupa curta, assim esse tipo de short pra chamar a atenção, não usa roupa veste micro e aí essas danças miseráveis que tem aí e elas desce, elas sobe entendeu? No entanto é por um copo de cerveja, no entanto é tá querendo chamar, no entanto quer atrair o olhar de uma pessoa que ela queira pega, aí pega um hoje, pega outro amanhã, o valor acaba como já acabou a mulher não tem mais valor hoje em dia, mas por que? porque a gente procurou né? (Jade)

Na explicação de Jade muitas mulheres casadas se limitam em algumas atitudes e comportamentos para não sofrerem preconceitos perante a vizinhança, entendo que esse recuar significa que elas querem ter mais um pouco de liberdade para fazer o que quiserem, porém não podem devido a imagem e postura que lhes são cobradas como “donas de casa” e “mãe de família” que deve respeito à seu marido, pois é dada muita importância a imagem masculina.

Ela também acredita que algumas mulheres casadas sofrem difamação por parte de alguns homens devido o comportamento liberal de algumas mulheres solteiras. Ressalta que algumas casadas se comportam mal na ausência dos maridos. Para ela são os homens que devem avaliar as mulheres que devem ser respeitadas ou não e que essa avaliação pesa muito na vivência dessa mulher perante a comunidade.

Eu nem tô falando que são todas assim, mas assim a maioria tá assim hoje em dia e eles os homens pensam na mesma balança, mas eles falam e difamam por que não se dão lugar, se você sair na rua, você for pro carnaval hoje você vai ver que ela não se dá lugar, ela beija aqui um aí beija o amigo do outro e sai beijando sabe? Elas não se dão respeito, não se dão, assim também tem muitas casadas que quando estão longe do marido aprontam, pintam, e bordam, então não se dão respeito, elas não se dão valor entendeu? Eles esculhambam mesmo e pesam todas na mesma balança porque ele está vendo aquela de short curto dançando aí chama de gostosa, aí passa a mão e elas não ligam mesmo aí ver outras que não são do mesmo nível e quer fazer a mesma entendeu porque acha que é tudo igual. Com o comportamento que as mulheres está hoje, elas que tão perdendo o próprio respeito, que tão tirando o próprio respeito. (Jade)

Como na fala anterior de Jade, ao meu ver, tem mais comentários preconceituosos também com as mulheres casadas, pois para ela qualquer atitude que fuja dos padrões impostos para as mulheres casadas é motivo de comentários e reprovação.

Ela dá um exemplo como se seu marido chegasse em um bar e uma mulher solteira pede um copo de cerveja logo iria sentar em sua mesa e se insinuar para ele e que ele. E quando o mesmo chegasse em casa contaria para ela e para outras mulheres todo o ocorrido, dizendo que aquela mulher é puta, sendo assim outras mulheres também acharam.

Assim não é só a opinião do homem, por exemplo, é a opinião do homem, tipo assim... meu marido tá no bar bebendo aí chega uma lá, ah... me dê uma cervejinha aí, aí pega a cerveja, ela já se senta na mesa dele tipo assim, aí passa um pagode aí pra chamar a atenção já começa a dançar, com aquela micro roupa, aí ele vai chegar em casa dizendo que fulana é puta, aí vai falar pra outra que sicrana⁷ é puta que não sei o que e aí vai entendeu? Aí não fica só na opinião do homem na própria opinião da mulher também”. (Jade)

Quando questionada se a mulher quiser ser puta não é um direito dela, Jade afirma que sim, mas que esse nome pejorativo respiga em todas as outras mulheres que estão no mesmo espaço e cita ainda que são poucas as mulheres que realmente querem respeito.

Esse comportamento de rivalidade entre as mulheres já foi citado por Valeska Zanello (2016) ela fala da prateleira do amor onde os homens avaliam quais mulheres devem ser escolhidas e por conta dessa escolha existe uma disputa entre elas e quais comportamentos são adequados e as que não se enquadram são difamadas e discriminadas. A prateleira do amor “[...] torna as mulheres extremamente vulneráveis, visto que, se é necessário “ser escolhida”, nem sempre importa tanto quem as escolha”. [...] preciso brilhar mais ou apagar o brilho alheio. (Valeska ZANELLO, 2016, p. 111)

É justamente, é um direito dela, mas a fama não vai ficar só naquela que quer ser, fica para todas que estiverem no mesmo espaço. Tipo assim, aí passa na televisão, “Sou mulher quero respeito”. Que respeito? A mulher que quer respeito é a minoria. Você sabe muito bem disso, que a mulher que quer respeito é a minoria. O homem que ver uma... uma campanha dessa vai dizer: quiii... Isso é balela⁸, que respeito que a mulher quer hoje em dia? Hoje a minoria que quer respeito. (Jade)

Em mais uma fala, a entrevistada reforça dicotomias entre mulheres que “merecem respeito” e as que “não merecem respeito”, e este merecimento está relacionado ao comportamento de solteiras visto por

⁷ Fulana e Sicrana são nomes usados para pessoas sem identificação.

⁸ Argumento que não se sustenta

ela como mais “libertino”, e reforça a ideia de ameaça aos casamentos, além de reiterar um discurso social de que nas situações de violência, a culpa é da mulher que não se comportou “como deveria”.

Para Jade a convivência marital é muito vantajosa, pois é muito importante ter filhos e família. Afirma ainda que ninguém vive sem família. Ela diz também não ver desvantagens algumas em ser casada, pois tem toda liberdade para fazer o que quiser. Ela acha que quem vive sozinha é muito ruim, pois não tem com quem compartilhar as coisas.

Eu acho que só a gente ter... ser casada ter filhos, é uma família né? É uma família, ninguém vive sem família, então eu acho que é necessário, eu acho. Aqui a gente conversa os três, porque o bebê não fala (rsrs), a gente conversa, a gente brinca, a gente briga, a gente sai, a gente se diverte, a gente viaja... Sabe? Quando tem algum problema a gente divide, então pra mim é tudo tranquilo! Pra mim ainda é vantajoso ter uma pessoa do seu lado do que você tá sozinha, eu acho, porque você tando sozinha sempre, querendo ou não sempre falta, sempre tá faltando alguma coisa, se você tiver sozinha, assim morar só, é muito... É um vazio grande demais não ter ninguém pra dividir a sua vida, não ter ninguém pra compartilhar por bem ou por mal é muito ruim. Não vejo nenhuma não, porque é assim se eu quero beber, eu bebo até cair, no outro dia se eu quiser beber de novo continuo bebendo, se eu quiser sair pra qualquer lugar que for com ele ou sem ele eu saio, se eu quiser trabalhar eu vou trabalho, e não tem empecilho pra mim não. (Jade)

Ao perguntar para ela se todas as pessoas queriam viver com alguém e ter filhos e se não teria outras prioridades na vida como investir nelas mesmas e ela respondeu:

Prioridade eu acho todo mundo tem, mas pra mim a família é o essencial, pra mim é o alicerce, pra me é um bom convívio com amor, cuidado, carinho, você sai e sabe que tem uma família te esperando na volta, viver um pro outro enquanto der.(Jade)

Sobre as vantagens que ela diz ter em não querer casar oficialmente, se refere a não ter o sobrenome do marido, pois acha que para separar é muito trabalhoso para desfazer os documentos, que não vale a pena. Jade afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de discriminação por ter uma relação marital (mesmo não sendo um casamento “formal”, no sentido de registrado em cartório).

Ela diz que quando era solteira sempre gostou de sair, tomar umas cervejas, trabalhava e estudava, mas que gosta da vida a dois que decidiram juntos formar uma família, que há um ano estudavam a ideia de morarem juntos e agora concretizaram. Sobre a relação entre eles, afirma que cada vez melhora: “Do mesmo jeito que é agora, talvez até melhor, agora é um pelo outro, aumentou o cuidado a vontade de querer, ver o outro bem. Também tem uma tranquilidade”. Acrescenta ainda que está satisfeita e que se sente preenchida, que não falta nada em sua vida com

a família “O amor, carinho, cuidado pelo lado sentimental, hoje eu não preciso de mais nada, mas ainda tenho ⁹objetivos não alcançados que envolve todos que moram com ela” (Jade).

2.4. SOBRE AS SOLTEIRAS

Rubi

Rubi é professora de educação física e administra seu dinheiro com os estudos, transporte, festa, bares, roupas, desta forma, diz que faz as contas para se organizar e saber exatamente o quanto deve gastar. Sobre a rotina, a entrevistada afirma que durante a semana tenta manter ao máximo a casa limpa, só faz as alimentações, colocando na marmita para levar pro trabalho, pois fica o dia todo na rua. O momento que tem a oportunidade de ficar em casa pela manhã usa esse tempo para limpar a casa, lavar roupa ou quando durante a semana não dá, ela faz aos sábados ou aos domingos quando não trabalha. Acrescenta ainda que seu trabalho é muito cansativo e desgastante. Ela trabalha por cerca de cinco horas por dia na academia e em outro período estuda. Apesar da intensidade e do cansaço, ela se sente satisfeita pelo retorno financeiro que tem, o que possibilita a sua independência e a sensação de liberdade para fazer o que lhe convém, pois poder fazer o que quiser. “Tenho o meu momento de lazer mesmo cansada depois de uma rotina de... depois de trabalho eu tenho ciência que o meu momento de lazer é muito importante, e nisso eu saio vou à praia, vou a uma festa pelo menos pra relaxar.” (Rubi).

Sobre os relacionamentos amorosos e amizades, ela diz está no momento está solteira, porém conhecendo uma pessoa, mas nada sério. Com relação a amizades, diz ter mais com homens do que com mulheres, e as mulheres que tem, tenta manter um pouco mais distante, só tem contato através de redes sociais com algumas delas.

Sobre a vida de solteira, afirma que gosta porque tem mais liberdade.

Liberdade, porque a mulher consegue se desenvolver muito bem sozinha, sem tá dependendo de homem né, pra viver como muitas por aí, que precisa de um homem pra trocar um botijão de gás, precisa de um homem pra pagar as contas, precisa de um homem pra sair e precisa de um homem pra ser feliz e a vida de solteira não, você descobre que você pode fazer tudo que quiser, pode ser tudo que você quiser também sendo solteira sem

⁹ Jade preferiu não revelar seus objetivos

precisar de homem, e enquanto as mulheres casadas eu nem sei mais o que pensar dessas mulheres (risos) assim eu penso das mulheres casadas que a depender do tipo de relacionamento que elas venham levando possa ser que seja algo positivo né? Construir uma família de se sentir bem ou feliz ou aquelas também que estão presas em um relacionamento né, é... o qual se tornam dependentes dos homens, né? Não fazem mais nada sem eles, ou seja, as mulheres não respiram. Eu no meu caso estou fora de casamento, quero ser bem livre, quero minha liberdade! (Rubi)

Sobre as vantagens de ser solteira é ter o direito de ser agente de sua própria vida de poder sair e voltar na hora que quiser sem dar satisfação, não precisar ficar em sua casa dividindo despesa com homem, com ele regravando o que deve e o que não deve fazer, poder conhecer pessoas novas, frequentar qualquer tipo de local, sem ficar preocupada se seu marido vai gostar ou não. “Tenho meu dinheiro não dependo de ninguém. Posso viajar com minhas amigas, posso dormir fora de casa, posso ficar um final de semana em qualquer lugar e se eu fosse casada não iria ser possível isso ou teria que levar ele junto”. (Rubi)

Sobre as desvantagens ela diz não saber, acredita que só pela questão da carência, de ter alguém para dormir todos os dias juntos numa cama, mas que isso é fase, é momento e a solteirice depois com o tempo se acostuma e se adapta.

Depois quando aparecer carência pode namorar, ficar com alguém e não há necessidade de dizer que está cansada. Eu acho que pra mim não é uma desvantagem assim não! Então só se for em visão da sociedade né? Que hoje em dia você ser solteira, e morar só você é mal vista, como se “você não presta” “você é puta” “você isso” “você é aquilo” “você não presta nem pra casar” “não tem um homem” só ser for por esse lado, mas como não me... Não me atinge, não tou nem aí! Acho que não tem desvantagem não viu? Tá mais pra vantagem que pra desvantagem. (Rubi)

Rubi reconhece as cobranças sociais, mas não se preocupa com estas, com os preconceitos e as violências sofridas. A independência financeira, a liberdade de escolher sobre sua vida fazem com que ela valorize cada vez mais o fato de estar solteira.

Com relação ao casamento formal, ela considera que ter o sobrenome do marido não tem importância alguma, a não ser por questões sociais.

Importância nenhuma, pelo menos pra mim, até porque se um dia eu vier casar, eu não pretendo mudar meu nome, a não ser (risos) se for por questão de status. Não tem importância nenhuma, pelo menos pra mim não vejo diferencial algum em não possuir o sobrenome de um homem agregado ao meu (Rubi)

Por estar na condição de solteira, Rubi afirma já ter sofrido discriminação. Ela diz que em algum tempo atrás quando terminado um relacionamento marital era como se ser solteira e morar

sozinha na visão da maioria das pessoas ela não prestasse, ou seja, no sentido de nenhum homem querer manter um relacionamento duradouro com ela. “Existe um pensamento que você tá disponível pra pegar homens das outras, né? Ou quais as casadas sentem ciúmes e que eu era obrigada a já ter um homem ou por eu ter separado também”. (Rubi)

Sobre sua experiência quando estava em um relacionamento marital, ela conta que em até um certo momento foi bom, depois se tornou ruim, porque ela era privada de fazer coisas que tinha vontade e que a finalização desse relacionamento não teve nada de positivo e nesta relação, ela foi inclusive agredida fisicamente.

Sobre sua vida atual de solteira, diz que é a melhor vida que existe, porque não precisa e não depende de ninguém, faz o que quer, vai pra onde ela quer e que sua vida amorosa no momento está bem. Ela conhece pessoas e quando lhe agrada tenta manter algum vínculo, mas no momento não está amando ninguém. Ela diz que o mais importante nesse momento é a família (seus parentes), o trabalho e as realizações pessoais. Afirma que está muito satisfeita com sua vida de solteira e o que a motiva é ter liberdade:

Eu posso fazer o que quero, na hora que eu quero sem precisar dar satisfação a ninguém, sem e... melhor ainda, saber que eu não preciso de ninguém, tá? Ser solteira é maravilhoso, faço o que eu quero, como o que eu quero, vou pra onde eu quero, pego quem eu quiser. (Rubi)

Ametista

Ametista diz que com seu salário paga suas contas; ela tem um carro já quitado, mas tem os custos com manutenção e combustível. Ela paga o aluguel do apartamento e divide o restante entre lazer quando sai e fazer compras. Ela deu uma visão geral sobre sua rotina como uma mulher solteira:

Bom... Eu moro sozinha, moro de aluguel, é... Eu trabalho de manhã, e volto a noite, tenho dois gatos, meus animais de estimação, um casal de gatos. No momento é... eu estou solteira, não tô com ninguém nem paquera nem nada por opção minha mesmo e tenho poucas amigas sou muito caseira, gosto de ficar em casa assistindo filme ou lendo e... Gosto muito de ficar sozinha mesmo assim não sou muito de sair não e durante os finais de semana, geralmente quando tô em casa assim é fazer faxina, lavar roupa cuidar do meu almoço da semana, separar, deixar tudo separadinho pra durante a semana que vai entrar. (Ametista)

Em estudos sobre solteirice desde a realidade de mulheres de classe média (ANDRADE, 2012), as falas das mulheres são parecidas, reportando também a rotina de trabalho e doméstica, e o retorno financeiro proporcionado pelo investimento nos estudos, com a aquisição de um trabalho que possibilite bancar a moradia individual e inclusive adquirir bens.

Sobre a vida de solteira ela diz achar muito boa o contrário do que muitas pessoas dizem, pois afirma ser uma vida responsável também, diz se sentir muito bem e curtir muito a sua própria companhia, que gosta muito de ficar sozinha, de seu espaço, de não ter aquelas obrigações da maioria das mulheres casadas com a casa, e família, de não ter que dar satisfação e acha muito importante não ter aquelas coisas de controle, de querer saber onde tá, que hora vai chegar, que hora vai sair. “Não gosto de nenhum tipo de controle assim, sou muito responsável, gosto também de ter relacionamento, mas no momento tô curtindo meu momento solteira”. (Ametista).

Por ser sua escolha permanecer solteira ela diz achar que:

Acho que tem mulheres também que escolhem casar, que sentem a necessidade de ter alguém pra cuidar ou pra ser cuidada ou até para sanar né, ausências é de... De figura paterna também, mas eu acho interessante também, eu quero me casar, tenho vontade de me casar, mas não é uma coisa que tire meu sono, nem que eu esteja desesperada e fique naquela ideia como algumas pessoas ficam, ah, porque você já tem mais de trinta, você não tem filho ainda, você não casou, tá ficando velha, tem que parir logo, eu não tenho esse pensamento não, acho que tudo tem seu tempo, há um tempo de solteira pra você curtir realmente o momento de solteira, a vida de solteira e eu tô vivendo cada etapa, não quero queimar nada. (Ametista)

Para Ametista são muitas as vantagens ser solteira como não ter que levantar pra colocar café pra ninguém, se quiser lavar louça quando chega do trabalho lava, se quiser cozinhar cozinha se não quiser diz que faz um macarrão instantâneo e tá tudo certo, não ter que dar satisfação, não ter ninguém para explicar onde eu vou ou para onde eu deixei de ir. Ela diz que o mais importante é a paz, não ter ninguém para brigar.

Sobre as desvantagens, ela diz: “As desvantagens eu acredito, nem sei, sei lá, já me acostumei tanto, mas acredito que seja compartilhar o dia, como foi o dia essas coisas, acredito que seja isso” (Ametista). Ela diz que mesmo pensando em casar um dia não vê diferença alguma em sua vida em ter um sobrenome do marido.

Eu acredito que pra algumas pessoas a questão do sobrenome do marido cause uma sensação de pertencimento né, sei lá, de uma condição, hoje você ter um sobrenome do marido é um status né, um status de casada e não sei meu ponto de vista talvez por eu não, não está numa situação parecida eu não vejo diferença nenhuma, mas eu acredito que tenha que algumas pessoas tenha essa questão a senso de pertencimento mesmo na condição, de tá com o nome do marido, a sensação de pertencer aquela família, tá criando um novo núcleo familiar, eu acredito que seja isso (Ametista)

Sobre discriminação por ser solteira, Ametista acredita existir um estigma por parte de algumas pessoas casadas que já olham a maioria das solteiras achando que por estar nesta condição, a mulher está disponível para o sexo, é uma pessoa fácil, ou é uma destruidora de casamentos. Ela fala que fazem algum tipo de comentários tipo comparativos: “Brinco com você assim porque você é solteira e fulaninha é casada. Então eu acho isso bem chato e já rolou até algumas discussões entre algumas pessoas por ter acontecido algumas situações assim” (Ametista).

Para ela, a experiência quando conviveu maritalmente com um companheiro foi ruim, pois era tratada como objeto sexual, “ou seja” ela sofria violência sexual e relata ainda passar algumas vezes por situações ainda parecidas no sentido de violência por estar solteira, mas ela diz que procura se defender, pois não está disponível. Ela diz está bem e aproveitando o seu momento até chegar um dia que case, ou encontre, assim, alguém realmente para dividir a sua vida. Afirma estar satisfeita com a sua vida de solteira.

Esmeralda e Jade têm opiniões parecidas em relação a família e rotinas. Elas dizem ser muito importante ter uma e viver para ela. Dizem também gostar do cuidar. As duas não trabalham fora de casa e pararam os estudos ainda no ensino médio para se dedicarem à família, com a união conjugal e filhos/as.

Considero que Esmeralda e Jade representam a maioria das mulheres das periferias de Salvador que tem um relacionamento marital: elas não terminam os estudos para se realizarem como mães e donas de casa, pois esses papéis ainda são naturalizados e reproduzidos desde a adolescência, como os maiores feitos para essas mulheres. “Além disso, são colocadas em xeque identitariamente como mulheres (“ de verdade”): expostas às políticas simbólicas que tentam direcioná-las para a maternidade, acabam encarando a maternidade como destino e completude.” (Valeska ZANELLO, 2016, p.113).

Esmeralda acha importante ter um sobrenome do marido, já Jade não, pois diz ser complicado na hora de separar. Acredito que Esmeralda dê importância a ter o sobrenome do companheiro pelo fato de estar com ele desde a adolescência, enquanto Jade acha complicado por ter vivenciado outras uniões conjugais, e caso haja um término, a formalização da união dificultaria o início de outra. As uniões informais tem sido muito comuns no Brasil, especialmente nas famílias negras, e a entrevistada expressa esta tendência.

As duas entrevistadas casadas acreditam que as mulheres solteiras não têm responsabilidades pelo fato de não terem uma família para cuidar e alguém para compartilhar a vida cotidiana, como elas fizeram ao priorizar a família em detrimento do estudo e outros projetos pessoais. A fala destas mulheres traz sinais de preconceitos de como são tratadas as mulheres que não colocam o casamento e filhos como projetos prioritários de vida, talvez assim, rompendo com os dispositivos amoroso e materno como prioridade em suas vidas. E por isso também as solteiras foram julgadas como mulheres não respeitadas, como apareceu na fala das casadas sobre elas: “Uma mulher que não priorize o cuidado com os outros (filhos, marido, família), geralmente é julgada como egoísta, fálca e outros termos que, no uso, adquirem um caráter pejorativo” Valeska Zanello (2016, p.114).

As casadas afirmaram nunca terem sofrido nenhum tipo de discriminação por conviverem maritalmente com um companheiro, mas Jade é muito enfática ao dizer que muitas mulheres solteiras contribuem para o aumento do feminicídio, pois acredita está mais relacionado a alguns comportamentos e atitudes que não são aprovados pelos homens e acrescenta ainda que as mulheres casadas sofrem algumas violências pelo fato de serem mulheres alguns termos pejorativos respingam nelas.

Jade acredita que a maioria mulheres solteiras estão disponíveis para relacionamentos sem critérios e responsabilidades, o que colaborar para serem desrespeitadas pelos homens. Neste sentido, considera que elas precisam ter “mais respeito por si mesma e serem mais reservadas” (sic), limitando-se em apenas em dizer “bom dia” e “boa tarde” com os homens, principalmente se forem casados.

Em toda fala de Jade, ela atribui as violências praticadas pelos homens como sendo culpa das mulheres, principalmente as mulheres solteiras, inclusive cita uma campanha de uma emissora de televisão que fala do combate à violência contra as mulheres. Ela discorda do slogan que diz: “sou mulher e quero respeito”, pois para ela esse respeito deve partir das mulheres.

Jade está no seu terceiro relacionamento marital com pouco intervalo entre eles, o que ao meu ver, existe uma forte rejeição pela solteirice e o medo dos olhares discriminatórios da sociedade com relação as mulheres solteiras, fazendo com que ela reproduza o machismo, a violência e os preconceitos de gênero.

No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. (SAFFIOTI. 2001, p.115)

As falas das casadas confirmam a existência de preconceitos contra solteiras, fundado em estereótipos de gênero. Quanto às solteiras, elas também tem uma visão estereotipada da vida das casadas, como sendo o casamento “uma prisão”, que impede a liberdade tida na vida de solteira.

As duas solteiras entrevistadas têm opiniões bem semelhantes, gostam da vida de solteira, por terem mais liberdade em decidir o que fazer sem precisar dar satisfação ou pedir permissão pra um homem. Elas têm rotinas parecidas: distribuem seu tempo no cuidado da casa, trabalho e delas mesmas, investem em estudos e crescimento pessoal, atentando para o fato de que as duas têm formação superior. Rubi usa seu tempo livre para saindo para se divertir, enquanto Ametista prefere ficar em casa diz gostar da própria companhia.

As duas também relataram terem vivido experiências muito ruins quando estiveram envolvidas em um relacionamento marital. Rubi chegou a sofrer violência física. Por esses motivos elas preferem estarem solteiras, desfrutando a própria companhia, do que estarem envolvidas em um casamento. Contudo, por estarem na condição de solteiras e morarem sozinhas, sofrem discriminação das mulheres casadas, pois essas as vêem como disponíveis e ameaças aos seus relacionamentos.

Eliane Gonçalves (2009) em pesquisa realizada com mulheres solteiras de classe média, que moram sozinhas traz as mesmas experiências de preconceitos que também são vividas por Ametista e Rubi.

[...] sugerem que morar só desperta curiosidade e aciona estereótipos e preconceitos, mostrando que, na atualidade, ainda é difícil escapar à noção que circunscreve a mulher independente, “solteira” a uma ameaça permanente. (Eliane GONÇALVES, 2009, p.194)

Isso mostra que independente de classe social inclusive paras as de classes mais baixas, as mulheres que decidem romper com os modelos patriarcais de família e optam por novos arranjos estão fadadas a sofrerem preconceitos. Neste caso aqui das mulheres casadas, pois para a maioria destas o que ameaça o seu casamento não é o grau educacional ou suas conquistas, mas sim o fato de que consideram que as mulheres solteiras e que moram sozinhas, podem “roubar” seus maridos e sua posição de esposa, mãe de família, “mulher de respeito” - posto conquistado com muito esforço e sacrifícios. Para Ametista e Rubi esses preconceitos não mudaria a decisão de viverem solteiras, pois o que elas mais prezam é a liberdade e acreditam que as mulheres casadas vivam uma dependência seja financeira ou pela presença da imagem masculina que as proporcionam privilégios sociais. Afirmam também não ter importância em ter um sobrenome do marido, pois acham que só serve para status sociais. Elas tiveram experiências ruins de casamento, e estão desfrutando da liberdade que não tinham.

Existem dicotomias nas falas das entrevistadas, para as casadas essa relação lhes proporciona um lugar de privilégio, segurança financeira e respeito como boas esposas, mães e donas de casa, e coloca as solteiras como mulheres carentes, irresponsáveis, passíveis de violências e disponíveis sexualmente como ameaçadoras a seus relacionamentos. Com esses pensamentos baseados no modelo patriarcal elas reproduzem a violência de gênero contra as outras que não aceitam esse modelo de vivência.

Já as solteiras veem a solteirice como liberdade para decidirem o que quiserem de suas vidas, podem investir em sua vida profissional o que para elas o casamento não proporcionará, pois elas acreditam que esta relação limita as mulheres e as colocam numa situação de dependência psicológica e financeira.

O contexto de vivências em bairro popular a partir de mulheres negras falando sobre seu estado civil mostrou aqui como as violências de gênero (e raça) ainda operam no cotidiano das mulheres, havendo desigualdade nas relações de gênero entre mulheres e seus parceiros/as, e entre as mulheres em função do estado civil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este estudo monográfico, compartilho das dificuldades que tive em me aprofundar nas entrevistas por ser um tema ainda não discutido entre mulheres negras da periferia de Salvador e com muitos entraves devidos aos preconceitos e a naturalização da reprodução das violências de gênero e por questão também pessoal por ser mulher negra, solteira vivendo nesse contexto social que tenta se posicionar perante as situações relacionadas ao tema que permeiam o meu cotidiano, o que me causou fadiga mental e desânimo, por ficar emergida neste trabalho pelo tempo que levei para concluí-lo.

O estudo demandou de mim um investimento afetivo grande pela proximidade do tema e convivência com as mulheres do bairro onde o estudo foi realizado. Devido a peculiaridade do meu campo de pesquisa por ser um antigo quilombo e pela especificidade dessas mulheres devido o contexto local e social tive muita dificuldade em a coleta de informação, porque muitas vezes eu mesma era vista como ameaça às mulheres que gostaria de conversar para o estudo, o que precisei lidar e enfrentar.

O contato com o campo me permitiu observar que boa parte das mulheres que moram sozinhas passam dos 55 anos com essa idade nas periferias, essas mulheres são tidas como velhas e a maioria é evangélica, outras viúvas ou foram abandonadas pelos seus companheiros e por se sentirem velhas não se interessam mais por novos relacionamentos, essas são aposentadas ou recebem algum tipo de benefício social o que faz com que elas tenham uma condição da manutenção das suas necessidades básicas não dependam da presença do provedor. Outras vivem em famílias extensas com os filhos, irmãs/os sobrinhos e mães. Algumas solteiras vivem com familiares ou quando moram sozinhas recebem ajuda financeira dos namorados, pois ainda é muito forte nesse contexto social, o discurso que o homem para “pegar” uma mulher tem que bancar (se relacionar com uma mulher tem que arcar com as despesas), pois essa ainda é a maior função dada aos homens de serem os provedores da relação.

As que são casadas ou tem um relacionamento marital com algum homem geralmente são mulheres com mais de trinta anos que já passaram por outros relacionamentos e as vezes são

também evangélicas não gostam muito de falar de sua vida.

De acordo com minhas observações, algumas mulheres negras vivem uma solteirice não só por escolha, mas também pela rejeição do homem/companheiro, em construírem um relacionamento duradouro e as que separaram de uma relação violenta o fizeram por vontade própria e adotam uma vida com mais liberdade. Para as que conseguem optar pela solteirice, termo ainda desconhecido na periferia passam por muita situação de violência que chamo de matar um leão por dia para manter o direito de viver de acordo com sua escolha. Isto foi visto nas entrevistas com as solteiras neste estudo.

Com base nesse ditado de “matar um leão por dia”, relato ter sofrido uma agressão física praticada por uma das vizinhas citadas no início do trabalho que dá origem à este estudo, e ter vivenciado tal violência me motivou a estudar o tema para visibilizar o assunto. A cada momento que me desenvolvia como mulher solteira, o grupo das casadas se fortalecia e os comentários aumentavam a meu respeito, como esta vizinha que acreditou que seu marido era atraído por mim. Como sempre, a maioria mulheres inocenta seus maridos e culpa a mulher solteira situação já citada por Carolina Jesus: “[...]” Como é pungente a condição de mulher sozinha sem homem no lar. Aqui todas implicam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (“...).” (Carolina de JESUS, 2007, p. 22). Segundo ela, a motivação da agressão foi um doce que dei para sua filha o que fiz também com outras crianças que brincavam na frente do prédio no momento. Ela tomou o doce da filha me devolveu e dizendo não querer que eu desse nada para a filha dela me devolvendo e já partindo para agressão.

Esse tipo de situação às vezes vem disfarçado de outros motivos, mas na realidade quando se trata da relação mulher casada com a solteira o que está em questão é o marido. Portanto, devido esse nosso cenário ao qual fui submetida abre um leque de novas observações e estudos sobre a solteirice da mulher negra nas periferias de Salvador. Os objetivos descritos para a realização deste trabalho foram alcançados com as narrativas das mulheres entrevistadas que deram opinião sobre o estado civil das outras e suas experiências de acordo com as situações vividas, mostrando que há desigualdades de gênero ainda nas relações maritais, com divisões rígidas do trabalho doméstico, e presença de situações de violência inclusive, além de poucas oportunidades das mulheres casadas estudarem e trabalharem. Para as solteiras, fica o cansaço da rotina, e os preconceitos vividos em

função do estado civil, sendo consideradas ainda ameaças ao casamento ou ficam mais suscetíveis a abordagens indevidas de homens nos espaços de lazer. E a visão de uma mulher sobre a outra em função do estado civil ainda carrega a ideia de que a mulher solteira é livre, mas é também uma ameaça, e que a mulher casada tem uma vida limitada, mas se sente segura por formar uma família.

Por ser uma pesquisa realizada em bairro periférico onde a maioria da população é negra e de classe popular, percebo que é um campo à ser explorado no sentido de trabalhar com mulheres negras, haja visto que a maioria dos estudos sobre solteirice, que foram realizados no Brasil, focam nas mulheres de classe média - maioria não negra. Chama atenção também o fato do preconceito de gênero e raça estarem juntos em se tratando das mulheres negras solteiras, e estudos sobre o tema devem contemplar estes marcadores, dando visibilidade aos novos arranjos domésticos e familiares entre mulheres negras.

Os resultados encontrados colaboram para os estudos da violência de gênero e trazer para o debate junto à sociedade como e de que maneira essa violência é praticada contra as mulheres a partir do seu estado civil ampliando as pesquisa e interesses de outras pesquisadoras pelo tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Darlane. **A “solteirice” em Salvador**: desvelando práticas e sentidos entre adultos/as de classes médias, 2012, disponível em:

https://repositorio.ufba.br/.../Tese%20Darlane%20Andrade_A%20solteirice%20em%20S. acesso em: 22,out,2016.

AZEVEDO, T. de. **As elites de cor numa cidade brasileira**. Salvador: EDUFBA, 1996

DINIZ, Gláucia R. S. Gênero, casamento e família: interações entre novos modelos e papéis. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Florianópolis. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p. 1-7. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Glucia_Diniz_05_B.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres/Michel Foucault; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Rejane; JUNIOR, Edson; GOMES, Gabriel. Cajazeiras: **O Crescimento desordenado de um bairro planejado**. Salvador: UCSAL, 2002. Disponível em: . Acesso em: 11 jan. 2009.

GONÇALVES, Eliane. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade. **Horiz. antropol.**, Dez 2009, vol.15, no.32, p.189-216.

GONZÁLEZ, L. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**: uma abordagem político-econômica. Los Angeles, 1979. p. 25. Mimeografado.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo** – diário de uma favelada. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 2007. 200 p. (Sinal Aberto)

MAIA, Cláudia de Jesus. Genealogia da solteira no Brasil: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** • São Paulo, julho 2001

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

PACHECO Ana Cláudia Lemos. “**Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar**”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia.:Campinas, SP, 2008.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador EDUFBA, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1712-1778 Emílio; ou, Da educação/ Jean Rousseau; tradução de Sergio Milliet. -3.ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.592p.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Cecília Macdowell, IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero**: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil (2005)

SIGNIFICADO DE ESTADO CIVIL- Portal Sonhos BR

Disponível em: <https://www.sonhosbr.com.br/sonhos/significados/significado-de-estado-civil.html> Acesso em: 11 Janeiro 2019

SILVA, Maria Alice Pereira da. **Pedra de Xangô**: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador, 2017

TAVARES, Márcia. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compassos de gênero**: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. 2008, Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é Violência contra a Mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

PROJETO CAJAZEIRAS VAI TER 22 MIL HABITANTES. A tarde, 06/10/1983, Caderno 1, p.2. Disponível em <<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/doc-polo/projetocajazeirasvaiter22.pdf>> Acesso 10/05/2013

ANEXOS

ANEXO 1- Dados das entrevistadas

Casadas

Nome	Esmeralda
Idade	33 anos
Estado civil	Amigada
Escolaridade	Ensino médio completo
Profissão	Dona de casa
Filhos	1 filho menor de idade
Com quem mora	Filho e companheiro

Nome	Jade
Idade	31 anos
Estado civil	Amigada
Escolaridade	Ensino médio completo
Profissão	Dona
Filhos	1 casal menor de idade
Com quem mora	Companheiro e as crianças

Solteira

Nome	Rubi
Idade	27 anos
Estado civil	Solteira
Escolaridade	Superior completo
Profissão	Professora de educação física
Filhos	Não tem
Com quem mora	Sozinha

Nome	Ametista
Idade	33 anos
Estado civil	Solteira
Escolaridade	Superior completo
Profissão	Jornalista
Filhos	Não tem
Com quem mora	Sozinha

ANEXO 2-Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais

1. Nome
2. Idade
3. Bairro onde reside:
4. Com quem você mora?
5. Qual o seu estado civil?
6. Você estudou? Até que série? Se fez faculdade, qual a área?
7. Você trabalha fora de casa? Em que? Caso você trabalhe, como administra o seu salário?
8. Fale-me sobre sua rotina (trabalho, cuidados com a casa, cuidados consigo e com a família, relacionamento amoroso – caso tenha, amizades e lazer)
9. Há quanto tempo está solteira/casada?

Opinião sobre a vida de solteira e casada

- O que pensa da vida de solteira/casada?
- O que pensa das mulheres solteiras/casadas
- Quais as vantagens de ser solteira/casada?
- Quais as desvantagens de ser solteira/casada?
- Qual a importância do sobrenome do marido e de não ter um sobrenome de um marido?
- Já sofreu algum tipo de discriminação por ser solteira/casada?

Experiências sobre ser solteira e casada

- Para as casadas: Como você era quando solteira? Conte-me sobre sua vida de casada atual: Como conheceu seu esposo? Por que decidiu se casar? Como é a relação de vocês? Você está satisfeita com sua vida de casada? Explique. Como você se sente, estando casada?
- Para as solteiras: você já foi casada? Como foi esta experiência para você? Conte-me sobre sua vida de solteira: Como você se sente estando solteira? Fale-me sobre sua vida amorosa e outras relações que considera importante na sua vida neste momento. Você está satisfeita com sua vida de solteira? Explique. O que te motiva a estar solteira?

Você gostaria de fazer alguma consideração ou comentário?

Obrigada pela sua participação.

ANEXO 3-Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa cujo tema é “MULHERES CASADAS E SOLTEIRAS: relações de gênero e violência na região de Cajazeiras”, a partir do qual buscamos conhecer sobre os modos de viver de mulheres casadas e solteiras morando sozinha na região de Cajazeira. O estudo está sendo realizada no curso de Graduação em Estudos de Gênero e Diversidades na Universidade Federal da Bahia.
2. Você foi selecionado (a) através da rede de contato da pesquisadora e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição a qual a pesquisadora faz parte.
5. Sua participação nesta etapa da pesquisa consistirá em responder um questionário autoaplicável, que leva um tempo de pelo menos 20 a 30 minutos. Você poderá participar de outra etapa da pesquisa que consiste em realização de entrevista a ser realizada de forma individual, com tempo de duração imprevisto.
6. Sua participação não envolve riscos.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são colaborar para o conhecimento sobre como se relacionam as mulheres casadas e solteiras na região de Cajazeiras, compreendendo como se dá a violência de gênero em torno desta vivência.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados do questionário serão utilizados para relatórios de pesquisa e publicações científicas, sem a divulgação da sua identificação.
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Lúcia dos Santos; Graduanda BEGDNEIM/UFBA)

Tel: (71) 98847-7769

Declaro que li, entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Fui informado (a) dos procedimentos da pesquisa e assegurada a preservação da minha identidade.

Salvador, _____ de _____ de _____

Participante da pesquisa RG ou CPF

Assinatura

Deixe seu email para envio do resultado da pesquisa: